



PINTANDO O MORRO:

A PERCEPÇÃO DE MORADORES SOBRE O USO DA
COR EM FACHADAS DE CASAS POPULARES

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN

MARIA CAROLINA LEITÃO ADEODATO

**PINTANDO O MORRO: A PERCEPÇÃO DE MORADORES SOBRE O USO DA
COR EM FACHADAS DE CASAS POPULARES**

RECIFE
2023

MARIA CAROLINA LEITÃO ADEODATO

**PINTANDO O MORRO: A PERCEPÇÃO DE MORADORES SOBRE O USO DA
COR EM FACHADAS DE CASAS POPULARES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Design.

Área de Concentração: Planejamento e Contextualização de Artefatos.

Linha de Pesquisa: Design, Ergonomia e Tecnologia.

Orientador: Prof. Lourival Lopes Costa Filho, Dr.

RECIFE
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Adeodato, Maria Carolina Leitão.

Pintando o morro: a percepção de moradores sobre o uso da cor em fachadas de casas populares / Maria Carolina Leitão Adeodato. - Recife, 2023.

106 p. : il., tab.

Orientador(a): Lourival Lopes Costa Filho

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Design, 2023.

Inclui referências, apêndices, anexos.

1. cor. 2. fachadas de casas populares. 3. percepção ambiental. 4. ergonomia do ambiente construído. 5. qualidade visual percebida. I. Costa Filho, Lourival Lopes. (Orientação). II. Título.

700 CDD (22.ed.)

MARIA CAROLINA LEITÃO ADEODATO

**PINTANDO O MORRO: A PERCEPÇÃO DE MORADORES SOBRE O USO DA
COR EM FACHADAS DE CASAS POPULARES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Design.

Área de Concentração: Planejamento e Contextualização de Artefatos.

Aprovada em 12/05/2023

Banca Examinadora

Prof. Dr. Lourival Lopes Costa Filho (Orientador)

Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Laura Bezerra Martins (Examinadora Interna)

Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Luciana de Medeiros (Examinadora Externa)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Aos frutos dos meus frutos:
Leandro, Irama, Débora, Iraila, Gael e Maitê.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço às famílias que me receberam em suas casas e suportaram as minhas visitas e perguntas, pois sem essa colaboração esse trabalho não teria sido concluído.

Agradeço ao Presidente da Associação de Moradores do Alto Nossa Senhora de Fátima (AMANSF), Fábio Silva. Meu sincero agradecimento pelos dias ao sol e muitas conversas ao me ciceronear pela comunidade escolhida para a pesquisa de campo. Sua disponibilidade foi um dos motivos para essa escolha.

Agradeço também a presteza do Embaixador do Morro Burity, Felipe Barbosa, que me apresentou à Comunidade do Burity onde fizemos nossa Pesquisa Piloto.

Aos meus pais e irmãos por terem, desde muito cedo, com exemplo, incutido o prazer do saber. Ao meu marido agradeço a compreensão da minha ausência em infindáveis domingos e feriados.

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em Design da UFPE, assim como a todos os Professores que tive o prazer de conhecer, alguns apenas por videochamada, mas nem por isso menos relevantes. Ao Professor e Orientador, que reencontrei na Universidade após nossa Graduação em Arquitetura e Urbanismo nos idos de 1980, Dr. Lourival Costa Filho, um agradecimento muito especial pela leitura atenta, sugestões, críticas e principalmente pela paciência com a minha teimosia.

Às Professoras Dra. Laura Martins e Dra. Luciana Medeiros que ao aceitarem participar da minha banca se prontificaram a ler, analisar, sugerir e se disponibilizar para que a pesquisa se tornasse mais relevante.

Às minhas colegas, Luana Oliveira, Tercília Mendonça e Hilma Santos pela parceria, questionamentos e soluções encontradas nas diversas conversas no decorrer dos dois anos, nos horários, por vezes, mais inapropriados possíveis. Agradeço ao Petit Comité, intitulado Pupilos de Louri, em nome de Marina Holanda Kunst e Thatianne Ferreira, como também aos demais componentes pelos bate-papos, brincadeiras, estresses compartilhados e orientações oficiosas, de grandes valias.

Por fim, agradeço a todos que, em algum momento, me ajudaram a tornar esses anos mais leves.

Mais Vida nos Morros

O meu lugar é lindo
Dá gosto de se ver
Aqui é onde eu
vivo
E mostro para você...

...Mais vida nos morros
Mais cor e emoção
Orgulho de viver
Olhar com o coração

Fizemos tudo juntos
Na participação
Fortalecendo os laços
Da nossa união

A vida da gente
Vai ganhando mais cor
Plantando a semente
Da paz e do amor

(Queiroga, [201-])¹

¹ Trechos da música de Nena Queiroga, intitulada “Mais Vida nos Morros”. Música disponível em: <https://fb.watch/1GLIEaHFGw/>. Acesso em: 14 ago. 2023.

RESUMO

A pesquisa apresentada teve como objetivo geral avaliar a percepção de moradores sobre o uso da cor em fachadas de casas populares, a partir da experiência do Programa Mais Vida nos Morros (2016), Recife – PE. Salientando assim, a importância para a área do Design e da Ergonomia do Ambiente Construído, ao identificar arranjos de cores que podem melhorar a Qualidade Visual Percebida. A Pesquisa de Campo teve como objeto de estudo a cor em fachadas de casas populares da comunidade do Alto Nossa Senhora de Fátima, no Bairro Vasco da Gama, em Recife, Pernambuco. Essa localidade integrou o Programa Mais Vida nos Morros, cuja Associação dos Moradores autorizou a realização da pesquisa no local, além do líder comunitário ter se prontificado a acompanhar a presente pesquisadora nas abordagens aos moradores, evitando-se assim, deslocamentos para várias comunidades sem o conhecimento e facilidades necessárias para as entrevistas. Para tanto, por tratar-se de um estudo exploratório, de natureza qualitativa, a metodologia utilizada incluiu a pesquisa documental e a pesquisa bibliográfica, além da Pesquisa de Campo. Os resultados obtidos, quais sejam: o verde, representando a esperança e o branco, a facilidade de manutenção e o baixo custo no uso da cal, são as cores predominantes nos dois grupos pesquisados; os significados transmitidos pelas cores, segundo os entrevistados, são de amplo repertório, mas comuns dentro de uma mesma comunidade; a impossibilidade de relacionar as variáveis sociodemográficas com a preferência cromática apurada; e por conseguinte, que a oitiva dos moradores das casas populares mostram que há uma predisposição dos entrevistados, independente de terem adquirido as tintas para a pintura das fachadas às suas próprias expensas ou não, em ousar com as cores ao escolherem os matizes mais variados, que trazem significados provenientes da vivência de cada um, das memórias armazenadas, que fazem com que cada participante da pesquisa perceba o ambiente à sua maneira. Por fim, espera-se que esse trabalho possa nortear decisões para programas sobre a cor em fachadas de casas populares, por levar em conta a opinião dos moradores, podendo assim favorecer a Qualidade Visual Percebida nesses espaços urbanos.

Palavras-chave: cor; fachadas de casas populares; percepção ambiental; ergonomia do ambiente construído; qualidade visual percebida.

ABSTRACT

The research presented had the general objective of evaluating the perception of residents about the use of color on the facades of popular houses, based on the experience of the Mais Vida nos Morros Program (2016), Recife - PE. Thus, highlighting the importance for the area of Design and Ergonomics of the Built Environment, when identifying color arrangements that can improve the Perceived Visual Quality. The field research had as object of study the color on the facades of popular houses in the Alto Nossa Senhora de Fátima community, in the Vasco da Gama neighborhood, in Recife, Pernambuco. This location was part of the Mais Vida nos Morros Program, whose Residents' Association authorized the research to be carried out in the location, in addition to the community leader being willing to accompany the present researcher in approaches to the residents, thus avoiding displacements to various communities without the knowledge and facilities necessary for the interviews. Therefore, as it is an exploratory study, of a qualitative nature, the methodology used included documentary and bibliographical research, in addition to Field Research. The results obtained, namely: green, representing hope and white, easy maintenance and low cost in the use of lime, are the predominant colors in the two researched groups; the meanings transmitted by the colors, according to the interviewees, have a wide repertoire, but are common within the same community; the impossibility of relating sociodemographic variables with the color preference determined; and, consequently, that the hearing of the residents of the popular houses shows that there is a predisposition of the interviewees, regardless of having acquired the paints for painting the facades at their own expense or not, in daring with the colors when choosing the most varied hues, that bring meanings from the experience of each one, from the stored memories, which make each research participant perceive the environment in their own way. Finally, it is expected that this work can guide decisions for programs about color on the facades of popular houses, as it takes into account the opinion of residents, thus being able to favor the Perceived Visual Quality in these urban spaces.

Keywords: color; facades of popular houses; environmental perceptions; ergonomics of the built environment; perceived visual quality.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Morro Burity, Bairro da Macaxeira, Recife (PE), Brasil	19
Figura 2 –	Mutirão Mais Vida nos Morros	20
Figura 3 –	Lagoa Encantada, Bairro do Ibura, Recife (PE), Brasil	20
Figura 4 –	Morro Burity, Nova Descoberta, Recife (PE), Brasil	21
Figura 5 –	Tríade teórica da pesquisa	24
Figura 6 –	Esquema explicativo do referencial teórico utilizado	25
Figura 7 –	Mocambo do Recife (PE)	28
Figura 8 –	Intervenção do PMVM, Alto da Bela Vista, Recife (PE), Brasil	29
Figura 9 –	Antes e Depois da Intervenção do PMVM, Alto da Bela Vista, Recife (PE), Brasil.....	30
Figura 10 –	Fase Engajar, Vila Arraes, Bairro da Várzea, Recife (PE), Brasil	31
Figura 11 –	Paleta de cores do Mutirão da Pintura, Alto N. Sra. de Fátima, Bairro Vasco da Gama, Recife (PE)	31
Figura 12 –	Mutirão da Pintura, Alto N. Sra. de Fátima, Bairro Vasco da Gama, Recife (PE), Brasil	32
Figura 13 –	Mapa do Bairro Vasco da Gama, Recife (PE), Brasil	33
Figura 14 –	Círculo Cromático de Goethe, 1798-99	35
Figura 15 –	Fluxograma de quatro fases da Revisão Sistemática de acordo com PRISMA	48
Quadro 1 –	Estratégias metodológicas da pesquisa	55
Figura 16 –	Mapa do Alto N. Sra. De Fátima, Bairro Vasco da Gama, Recife (PE), Brasil	56
Figura 17 –	Intervenção PMVM, Alto Nossa Sra. de Fátima, Bairro Vasco da Gama, Recife (PE), Brasil	58
Quadro 2 –	Características da população e domicílio, Vasco da Gama, Recife (PE), Brasil	59

Figura 18 –	Gráfico de pizza com levantamento sociodemográfico sobre a faixa etária dos entrevistados, participantes do Mutirão da Pintura do PMVM	63
Figura 19 –	Gráfico de pizza com levantamento sociodemográfico sobre o gênero dos entrevistados, participantes do Mutirão da Pintura do PMVM	63
Figura 20 –	Gráfico de colunas com levantamento sociodemográfico sobre a escolaridade dos entrevistados, participantes do Mutirão da Pintura do PMVM	64
Figura 21 –	Gráfico de colunas com levantamento sobre a renda dos entrevistados, participantes do Mutirão da Pintura do PMVM	64
Figura 22 –	Gráfico de pizza com levantamento sobre a propriedade da casa popular dos entrevistados, participantes do Mutirão da Pintura do PMVM	65
Figura 23 –	Gráfico de pizza com levantamento sobre a real situação da casa popular dos entrevistados, participantes do Mutirão da Pintura do PMVM	66
Figura 24 –	Fachadas das 13 casas populares, participantes do Mutirão da Pintura do PMVM, Alto N. Sra. De Fátima, Bairro Vasco da Gama, Recife (PE), Brasil	67
Figura 25 –	Gráfico de colunas com levantamento sobre a motivação dos entrevistados, participantes do Mutirão da Pintura do PMVM, para a escolha da cor da fachada	69
Figura 26 –	Gráfico de pizza com levantamento sobre a cor da fachada das casas populares, participantes do Mutirão da Pintura do PMVM, antes da intervenção	71
Figura 27 –	Gráfico de colunas com levantamento sobre o significado da cor escolhida pelos entrevistados, participantes do Mutirão da Pintura do PMVM, para a fachada da casa popular	72

Figura 28 –	Gráfico de colunas com levantamento sobre o porquê da satisfação dos entrevistados, participantes do Mutirão da Pintura do PMVM, com a cor escolhida para a fachada da casa popular.....	73
Figura 29 –	Casa 5 - participante do Mutirão da Pintura do PMVM, Alto N. Sra. de Fátima, Bairro Vasco da Gama, Recife (PE), Brasil	74
Figura 30 –	Gráfico de pizza com levantamento sociodemográfico sobre a faixa etária dos entrevistados, não participantes do Mutirão da Pintura do PMVM	76
Figura 31 –	Gráfico de pizza com levantamento sociodemográfico sobre o gênero dos entrevistados, não participantes do Mutirão da Pintura do PMVM	77
Figura 32 –	Gráfico de colunas com levantamento sobre a escolaridade dos entrevistados, não participantes do Mutirão da Pintura do PMVM	77
Figura 33 –	Gráfico de colunas com levantamento sobre a renda dos entrevistados, não participantes do Mutirão da Pintura do PMVM	78
Figura 34 –	Gráfico de pizza com levantamento sobre a propriedade da casa popular dos entrevistados, não participantes do Mutirão da Pintura do PMVM	78
Figura 35 –	Gráfico de pizza com levantamento sobre a real situação da casa popular dos entrevistados, não participantes do Mutirão da Pintura do PMVM	79
Figura 36 –	Fachadas das 9 casas populares, não participantes do Mutirão da Pintura do PMVM, Alto N. Sra. De Fátima, Bairro Vasco da Gama, Recife (PE), Brasil	80
Figura 37 –	Gráfico de colunas com levantamento sobre a motivação dos entrevistados, não participantes do Mutirão da Pintura do PMVM, para a escolha da cor da fachada	82

Figura 38 –	Gráfico de pizza com levantamento sobre a cor da fachada das casas populares, não participantes do Mutirão da Pintura do PMVM, antes da intervenção	83
Figura 39 –	Gráfico de colunas com levantamento sobre o significado da cor escolhida pelos entrevistados, não participantes do Mutirão da Pintura do PMVM, para a fachada da casa popular	84
Figura 40 –	Gráfico de colunas com levantamento sobre o porquê da satisfação dos entrevistados, não participantes do Mutirão da Pintura do PMVM, com a cor escolhida para a fachada da casa popular	85

LISTA DE SIGLAS

CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
EAC	Ergonomia do Ambiente Construído
PMVM	Programa Mais Vida nos Morros
QCP	Qualidade Cromática Percebida
QVP	Qualidade Visual Percebida
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
2	A MORADIA NOS MORROS DAS GRANDES CIDADES	28
3	O USO DA COR NO ESPAÇO URBANO	34
3.1	TEORIA DA COR	34
3.1.1	A Cor	36
3.2	A PERCEPÇÃO AMBIENTAL	38
3.2.1	A Cor e a Percepção Ambiental	40
3.3	ERGONOMIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO	42
4	METODOLOGIA	46
4.1	REVISÃO SISTEMÁTICA	46
4.2	MÉTODOS DE ABORDAGEM	49
4.3	MÉTODOS DE PROCEDIMENTOS	50
4.3.1	Instrumentos para a coleta de dados	50
4.3.2	Pesquisa piloto	53
4.3.3	Instrumentos para a análise de dados	54
4.4	RECORTE DA POPULAÇÃO AMOSTRAL	56
4.5	CONSIDERAÇÕES ÉTICAS	60
5	PRINCIPAIS RESULTADOS	62
5.1	MORADORES DE CASAS POPULARES PARTICIPANTES DO MUTIRÃO DA PINTURA DO PMVM	62
5.1.1	Descrição e caracterização da amostra	62

5.1.2	Cores que predominam em fachadas de casas populares e a motivação para essa decisão	65
5.1.3	Preferência cromática em fachadas de casas populares	70
5.1.4	Significados que as cores escolhidas transmitem para os moradores participantes da pesquisa	71
5.1.5	Conexão entre definição/caracterização da amostra e preferência cromática apuradas	74
5.2	MORADORES DE CASAS POPULARES NÃO PARTICIPANTES DO MUTIRÃO DA PINTURA DO PMVM	76
5.2.1	Descrição e caracterização da amostra	76
5.2.2	Cores que predominam em fachadas de casas populares e a motivação para essa decisão	79
5.2.3	Preferência cromática em fachadas de casas populares	83
5.2.4	Significados que as cores escolhidas transmitem para os moradores participantes da pesquisa	84
5.2.5	Conexão entre definição/caracterização da amostra e preferência cromática apuradas	85
5.3	COMPARAÇÃO DOS PRINCIPAIS RESULTADOS DAS ANÁLISES E DESCRIÇÕES ENTRE OS DIFERENTES SUBGRUPOS DE PARTICIPANTES E NÃO PARTICIPANTES DO MUTIRÃO DA PINTURA DO PMVM	86
5.3.1	Descrição e caracterização da amostra	86
5.3.2	Cores que predominam em fachadas de casas populares e a motivação para essa decisão	87
5.3.3	Preferência cromática em fachadas de casas populares	87
5.3.4	Significados que as cores escolhidas transmitem para os moradores participantes do Mutirão da Pintura do PMVM	88
5.3.5	Conexão entre definição/caracterização da amostra e preferência cromática apuradas	88
6	CONCLUSÃO	90

REFERÊNCIAS	93
APÊNDICE A – PARECER DE APROVAÇÃO DO CEP	97
APÊNDICE B – TCLE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	102



INTRODUÇÃO

1. INTRODUÇÃO

As características ambientais – entre elas a cor – tem importante impacto na experiência humana, podendo evocar fortes emoções, como prazer ou desprazer, atuar como efeito atraente ou calmante, e possibilitar inferências sobre lugares e pessoas. Podem também influenciar o comportamento humano, de modo que as pessoas estejam mais propensas a visitar locais que percebem favoravelmente, e a evitar outros que julguem desfavoráveis.

Portanto, a percepção de moradores sobre o uso da cor em fachadas de casas populares pode ter relevante consequência, na medida em que, pode afetar suas experiências no espaço urbano e moldar seu comportamento. No entanto, uma imagem urbana desagradável vai além da falta de satisfação emocional e das noções abstratas da boa estética. Caso uma imagem urbana seja incompatível às atividades humanas, segundo Nasar (1998), a aparência e o significado podem aumentar a carga sensorial, o medo e o estresse. Ainda, de acordo com o autor, esse tipo de resposta avaliativa é psicológica, portanto, subjetiva e, por isso, nesse tipo de investigação as avaliações empíricas devem ser consideradas.

Em decorrência das respostas avaliativas, que, como descrito antes, podem moldar o comportamento, as pessoas podem interferir no ambiente, ou seja, adaptá-lo, sendo essa a maneira mais importante pela qual as pessoas afirmam um senso de domínio e controle sobre seu ambiente, fator importante para seu bem-estar, de acordo com Rapoport (1977). No entanto, em grande parte da literatura ambiental, os usuários, ainda segundo o autor, são geralmente vistos como consumidores passivos, como se fossem colocados em um ambiente que age sobre eles, mas que dada uma oportunidade, tais pessoas escolhem um ambiente apropriado.

A cor pode favorecer o envolvimento das pessoas e, por isto, é determinante para a experiência urbana. Além de ajudar a criar identidade, faz parte do interesse do poder público melhorar a qualidade cromática percebida nos morros. Portanto, como **problematização** da pesquisa, considera-se avaliar a percepção do uso da cor em fachadas de casas populares, o que poderá nortear decisões para programas voltados a esse fim, assim como, para projetos desse tipo de moradia, por levar em conta a opinião dos moradores, podendo assim favorecer a qualidade cromática percebida nesses espaços urbanos. Espera-se também poder relacionar os resultados obtidos através das informações empíricas, no sentido de valorizar a

experiência dos usuários, identificando arranjos de cores que podem melhorar a Qualidade Visual Percebida que, por conseguinte, poderá também favorecer a felicidade dos residentes do ambiente urbano e a imagem geral da cidade, como mostra a figura 1.

Figura 1 – Morro Burity, Bairro da Macaxeira, Recife (PE), Brasil – Mais Vida no Morro



Fonte: Blog Ponto de Vista

Desse modo, ninguém melhor do que os próprios usuários para expressarem suas convicções. Portanto, sem desprezar a cognição dos moradores, tomando como base a pesquisa de campo, buscou-se ouvir o que é importante para eles. Há uma defesa na área da ergonomia de que os usuários devem ser ouvidos, cabendo aos designers identificarem quais os elementos estéticos que irão comunicar os significados desejados.

Apesar do significado, nas avaliações ambientais em geral e especificamente o significado dos usuários, tender a ser negligenciado nos estudos da interação humano-ambiente, é de importância central para o sucesso de tal estudo, ouvir os usuários, Rapoport (1977).

É fato que algumas moradias populares com mais de um pavimento fazem uso de mais de uma cor na fachada, como mostra a figura 2. Isso pôde ser observado em algumas visitas realizadas de modo informal, destacando assim, como pressuposto inicial da pesquisa, que esse fenômeno pode estar atrelado a uma determinada

tipologia de casas populares ou até mesmo de algumas características sociodemográficas da população amostral consultada.

Figura 2 – Mutirão Mais Vida nos Morros



Fonte: Instagram@maisvidanosmorros

O Mais Vida nos Morros, entre outras ações, possibilitou aos moradores escolher a cor para a fachada das suas casas, resultando num colorido original, como mostra a figura 3. É em torno desse **objeto de estudo**, a percepção do uso da cor em fachadas de casas populares, que se desenvolveu a pesquisa de campo.



Figura 3. Lagoa Encantada, Bairro do Ibura, Recife (PE), Brasil – Mais Vida no Morro.
Fonte: Blog Ponto de Vista.

Definido o objeto de estudo da pesquisa, cabe destacar que o Programa Mais Vida nos Morros é um programa de política pública de cidadania e desenvolvimento sustentável para os morros da cidade do Recife, que teve início em 2016, e onde o próprio morador é o responsável pela escolha da cor da sua fachada.

Assim, buscando a comunidade mais adequada para a realização da pesquisa de campo, em 09/04/22, em visita ao Morro Burity, no Bairro de Nova Descoberta, ciceroneada pelo Embaixador do Morro Burity - Felipe Barbosa, a pesquisadora percebeu que passados quase três anos das pinturas das fachadas das casas populares da comunidade, seria mais pertinente fazer a projeto piloto no Morro Burity, como mostram as figuras 4.a/c, e a pesquisa de campo propriamente dita ser feita no Alto Nossa Senhora de Fátima, no Bairro de Vasco da Gama.



Figura 4.a

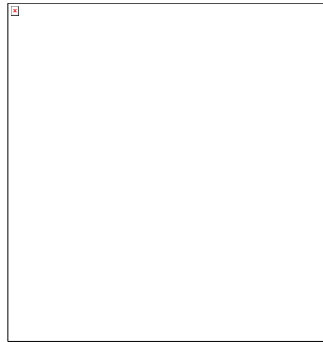


Figura 4.b

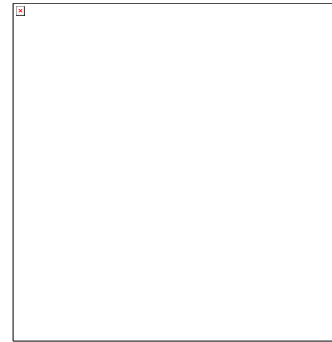


Figura 4.c

Morro Burity, Nova Descoberta, Recife (PE), Brasil.
Fonte: Arquivo Pessoal Autora.

Vale ressaltar, que a escolha do local para a pesquisa de campo deveu-se ao fato de nele estarem reunidos todos os elementos necessários para o desenvolvimento da pesquisa, tais como: a conveniência desse local ter integrado o Programa Mais Vida nos Morros, a autorização recebida da Associação dos Moradores do Alto Nossa Senhora de Fátima, além do Presidente dessa Associação ter se prontificado a acompanhar a presente pesquisadora nas abordagens aos moradores, evitando assim, deslocamentos para várias comunidades sem o conhecimento e facilidades necessárias para as entrevistas com os moradores de casas populares.

Como fonte de pesquisa, a criação e implantação desse Programa mostra a **relevância** desse estudo para a área do design e da ergonomia do ambiente

construído, uma vez que um de seus pilares é melhorar a representação social do morro melhorando a qualidade cromática percebida através da cor e, nesse contexto estratégico, favorecer a interação humano-ambiente. Portanto, torna-se evidente a importância da pesquisa para as áreas do design e da ergonomia do ambiente construído quando, além de nortear decisões em Programas de Políticas Públicas, um colorido tomou conta do espaço urbano onde, em sua grande maioria, moram usuários de casas populares que tiveram a oportunidade de avaliar afetivamente suas escolhas. É importante registrar que a definição da cor da fachada pelos moradores de casas populares, participantes desse Programa, não foi precedida por investigações empíricas que buscassem entender o que motivou aquela escolha. Portanto, essa pesquisa buscou investigar isso, uma vez que, segundo Heller (2000), não existe cor destituída de significado. Sendo que, de acordo com essa mesma autora, a impressão causada por cada cor é determinada por seu contexto, ou seja, pelo entrelaçamento de significados em que a percebemos.

Portanto, como **perguntas de pesquisa**, buscou-se responder através da pesquisa de campo:

- 1) Quais cores predominam em fachadas de casas populares e a motivação para essa escolha?
- 2) Quais cores são preferidas em fachadas de casas populares?
- 3) Quais significados as cores escolhidas transmitem para moradores participantes da pesquisa?
- 4) Há conexão entre a definição/caracterização da amostra e a preferência cromática apuradas?

Portanto, ouviu-se os moradores de casas populares, para responder ao **objetivo geral**, avaliar a percepção de moradores sobre o uso da cor em fachadas de casas populares, a partir da experiência do Programa Mais Vida nos Morros (2016), Recife - PE e aos **objetivos específicos**, quais sejam:

- 1) Constatar quais cores predominam em fachadas de casas populares e a motivação para essa decisão;
- 2) Identificar a preferência cromática em fachadas de casas populares;
- 3) Identificar os significados que as cores escolhidas transmitem para moradores participantes da pesquisa;
- 4) Avaliar se há conexão entre definição/caracterização da amostra e preferência cromática apuradas.

Na pesquisa de campo, considerou-se os moradores de casas populares, cuja comunidade sofreu intervenção do Programa Mais Vida nos Morros. Esse **recorte** amostral para a pesquisa exploratória se justifica pelo fato de parte dos moradores terem podido escolher a cor para a fachada da sua casa e outros moradores, que habitam na mesma comunidade, mas fora do perímetro da intervenção física, tiveram que adquirir a tinta com os próprios recursos. Já o recorte temporal da pesquisa configura-se como contemporâneo e o setorial encontra-se no campo de atuação da esfera público-privada.

Inicialmente, de modo a constatar o Estado da Arte relacionado ao tema da pesquisa, foi feita uma **Revisão Sistemática da Literatura**, que é uma técnica de pesquisa, que utiliza estratégias científicas aplicadas de forma a limitar o viés de seleção de artigos, permitindo que sejam avaliados com criticidade e que sejam sintetizados todos os estudos relevantes de um tópico em especial. (PERISSÉ; GOMES; NOGUEIRA, 2001 apud BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011, p. 126). Através dessa estratégia, buscou-se expor um panorama dos estudos publicados considerando como a pesquisa pode contribuir para a expansão do tema e quais seriam as bases teóricas relacionadas com esse tipo de abordagem.

A Revisão Sistemática da Literatura inicialmente realizada, que está descrita no Capítulo 3, inserido na Parte 2 - Considerações Metodológicas, ajudou a identificar a **tríade teórica da pesquisa**, que se fundamenta em três áreas principais, quais sejam: Teoria da Cor, Ergonomia do Ambiente Construído e Percepção Ambiental, figura 5.

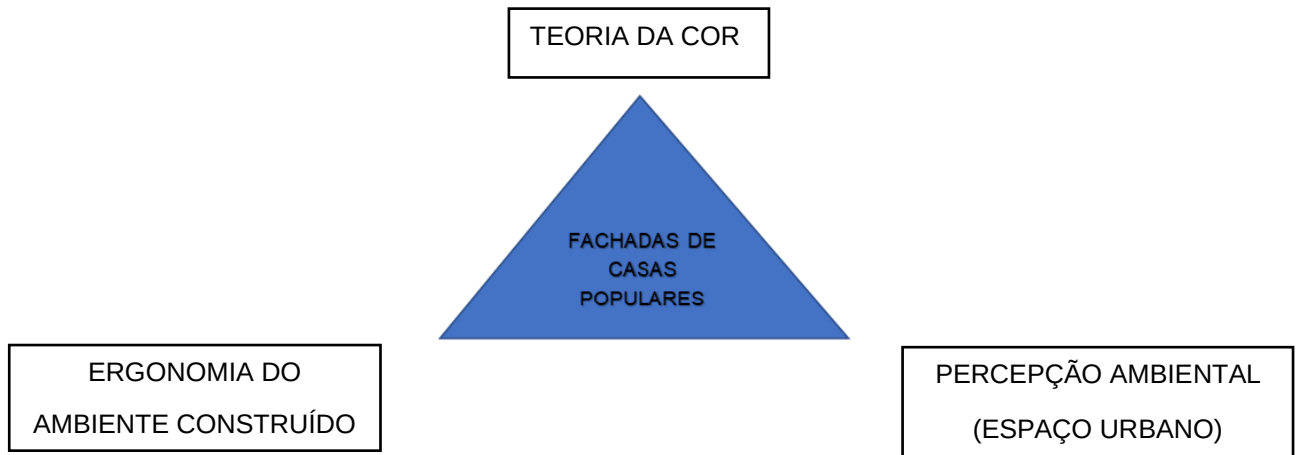


Figura 5: Tríade teórica da pesquisa.
Fonte: Autora, 2021

O **referencial teórico** foi elaborado a partir de quatro dimensões, apresentadas na figura 6, categorizadas em torno da relação entre a Teoria da Cor, a Ergonomia do Ambiente Construído, a Percepção Ambiental e o Espaço Urbano. Em que a Teoria da Cor expõe como a cor, entre tantas manifestações do mundo visível, é a que mais foge ao nosso controle, sendo capaz de motivar sentimentos, desejos e emoções Guimarães (2004); a Percepção Ambiental, ao se debruçar sobre os aspectos psicológicos inerentes às relações entre as pessoas e os ambientes, explicitam as consequências que os ambientes exercem sobre as pessoas (CAVALCANTE; ELALI, 2018); Mont’Alvão (2011) corrobora ao expor que o ambiente construído é fruto direto da influência humana, e que, por esse viés, o ambiente vai também influenciar o comportamento dos usuários. Sendo assim, entende-se que os usuários do espaço, é quem ditarão as diretrizes projetuais, que no caso específico dessa pesquisa, discorre como a cor pode favorecer suas experiências no Espaço Urbano.

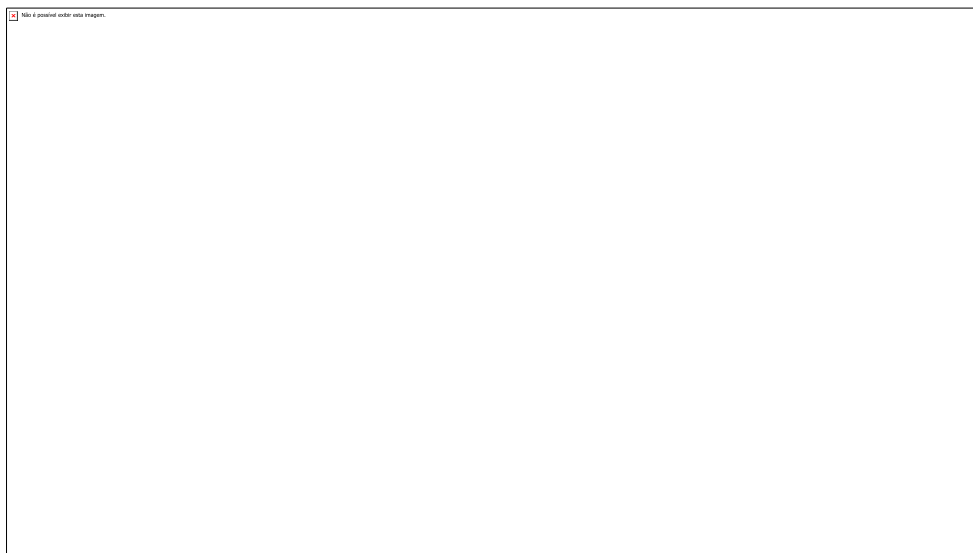


Figura 6. Esquema explicativo do referencial teórico utilizado.
Fonte: Autora, 2021

No que diz respeito à organização do conteúdo, essa dissertação está estruturada, além da **Introdução** e **Conclusão**, em três partes: **Considerações Teóricas**, **Considerações Metodológicas** e **Considerações de Resultados**.

A primeira parte, **Considerações Teóricas**, aborda os conceitos da tríade teórica da pesquisa: Teoria da Cor, Ergonomia do Ambiente Construído e Percepção Ambiental, visando fundamentar as discussões dos principais resultados obtidos. Reúne dois capítulos. O primeiro, **A moradia nos morros das grandes cidades**, discorre sobre a expansão urbana dos morros das grandes cidades, em especial, na cidade do Recife, contextualizando a intervenção do poder público através do Programa Mais Vida nos Morros. O segundo, **O uso da cor no espaço urbano**, apresenta a Teoria da Cor; a Cor – sem aprofundar na teoria da composição química dos pigmentos, nos estudos da física da luz e da fisiologia do aparelho visual, mas, sobretudo, nas questões de sua percepção, interpretação e assimilação; a Percepção Ambiental; a Cor e a Percepção Ambiental, bem como conceitos da Ergonomia do Ambiente Construído, além de sua contribuição para o desempenho das tarefas e atividades dos usuários no ambiente construído e, no caso específico dessa pesquisa, como a cor pode favorecer suas experiências no espaço urbano.

A segunda parte, **Considerações Metodológicas**, traz um único capítulo, explicando a **Metodologia** utilizada na pesquisa, com o propósito de operacionalizar os objetivos. Contempla a Revisão Sistemática, que objetiva levantar o estado da arte; além dos Métodos de Abordagem, descrevendo o tipo de pesquisa realizada, a

abordagem e a natureza; e os Métodos de Procedimentos, que incluem os Instrumentos para a coleta de dados, a Pesquisa Piloto e os Instrumentos para a análise de dados. Nesse capítulo também são apresentados os critérios utilizados para a definição da população amostral e suas características, assim como as Considerações Éticas.

A terceira parte, **Considerações de Resultados**, traz os resultados apurados na pesquisa de campo. O único capítulo dessa terceira parte, **Principais Resultados**, subdivide-se em três itens, Moradores de casas populares participantes do Mutirão da Pintura do PMVM e Moradores de casas populares não participantes do Mutirão da Pintura do PMVM, demonstram a análise dos dados coletados e, concomitantemente, as discussões dos resultados obtidos através da pesquisa de campo, bem como, descrevem e caracterizam a população amostral considerada. Ambos os itens descrevem todas as respostas registradas durante as entrevistas estruturadas realizadas com os moradores de casas populares, discutindo esses achados à luz dos referenciais teóricos apresentados, elaborando recomendações projetuais capazes de auxiliar setores públicos, arquitetos, designers de interiores e empresas fabricantes de tintas no processo projetual de ambientes residenciais de moradias populares, buscando responder às perguntas de pesquisa. Por fim, o último item, Comparação dos principais resultados das análises e descrições entre os diferentes subgrupos de participantes e não participantes do Mutirão da Pintura do PMVM, faz uma análise entre os dados obtidos nas entrevistas com os moradores de casas populares participantes e não participantes do Mutirão da Pintura do PMVM, onde é traçado um paralelo entre os dados obtidos nas entrevistas dos dois subgrupos, com as respectivas análises e interpretações, buscando responder às perguntas de pesquisa.

2. A MORADIA NOS MORROS DAS GRANDES CIDADES

Os morros sempre foram sinônimos de precariedade nas grandes cidades brasileiras. No Recife, onde a ocupação dos morros se confunde com a própria história da construção da cidade, não é diferente, Alheiros *et al.* (2004). É nas localidades com a topografia mais elevada que se encontram as populações mais pobres, que, em sua grande maioria, ocupam os espaços desordenadamente, em busca de uma vizinhança com infraestrutura instalada (sistema viário, redes de abastecimento, postos de saúde, escola etc.).

A expansão urbana do Recife entre as décadas de 1920 e 1940 foi impulsionada pelo incremento populacional, causada principalmente pela crise no campo e a busca de trabalho na indústria. Até a década 1930, tal expansão aconteceu sobre as áreas mais planas da cidade sendo que as camadas mais pobres da população habitavam moradias denominadas Mocambos, como mostra a figura 7, à base de palhas, papelão, zinco e madeira. Com o passar dos anos, a área central do Recife foi tomada por esse tipo de habitação, chamando a atenção negativa do poder público e da imprensa.

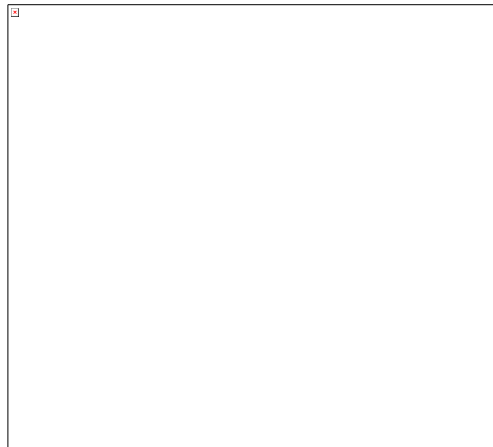


Figura 7: Mocambo do Recife (PE), Brasil.
Fonte: Recife de Antigamente.

Em 1940 foi criada a Liga Social Contra o Mocambo para a erradicação parcial nas áreas mais centrais do Recife (CAVALCANTI *et al.*, 2016), iniciando dessa forma a transferência não planejada dos moradores expropriados das suas habitações, para os morros de Casa Amarela, Beberibe e Água Fria, resultando na ocupação sistemática dos morros da zona norte do Recife. De acordo com a Cartilha Mais Vida

nos Morros – Reinvenção Urbana – Passo a passo (2020), hoje já são cerca de 500 mil pessoas, aproximadamente um terço da população da cidade que vivem nessas áreas carentes de espaços públicos de qualidade que permita o fortalecimento de um sentimento de coletividade.

O Programa Mais Vida nos Morros, criado em 2016 e que até o final de 2020, já havia atendido 53 comunidades de interesse social do Recife, alcançando diretamente 54 mil habitantes, é um programa de política pública que, ao intervir nos espaços urbanos, busca, além de outras coisas, melhorar a Qualidade Cromática Percebida do ambiente construído. Seu objetivo é chegar a todas as 545 comunidades de interesse social do Recife, vivendo em zonas especiais de interesse social (Zeis), que são áreas demarcadas para assentamentos habitacionais de população de baixa renda, instituídas desde 1983.

No centro das questões do Programa, está o cidadão, que participa de todo o processo, da tomada de decisão sobre as intervenções urbanas na sua comunidade até a transformação final e o cuidado posterior. Todas as ações do Mais Vida nos Morros são desenvolvidas com foco no fortalecimento do protagonismo comunitário, figuras 8.a/b e 9.a/b. O processo de transformação das comunidades envolve a escuta e a participação ativa da população. O engajamento é feito por meio de mutirões e de oficinas, entre outras iniciativas.

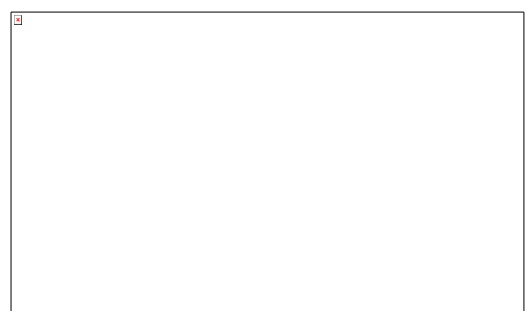
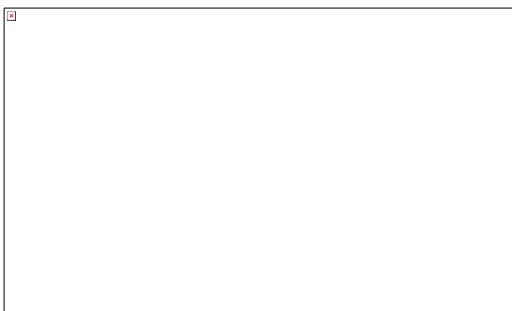


Figura 8.a
Intervenção do Programa Mais Vida nos Morros, Alto da Bela Vista, Recife (PE), Brasil.
Fonte: Arquivo pessoal de Bruno Brayner.

Figura 8.b

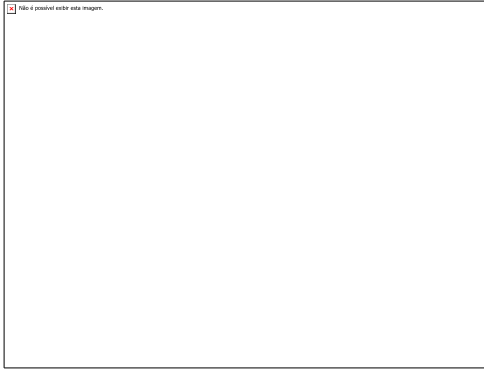


Figura 9.a



Figura 9.b

Antes e Depois da Intervenção do Programa Mais Vida nos Morros, Alto da Bela Vista, Recife (PE), Brasil. Fonte: Arquivo Pessoal de Bruno Brayner.

O Programa, que começou associado a uma estratégia de defesa civil, resiliência e prevenção de riscos e desastres, vem hoje promovendo o desenvolvimento dos territórios, por meio do estímulo ao protagonismo do cidadão.

Além dos mutirões de pintura das fachadas das casas, há todo um contexto baseado num tripé de baixo custo, rápida implementação e alto impacto que buscam dez objetivos básicos, entre eles, transformar microvazios urbanos, repensar a infraestrutura urbana, integrar políticas públicas, empoderar todos os moradores, engajar moradores na cidadania ativa e promover mudança de comportamento.

Assim, em busca de conhecimentos com os líderes comunitários, objetivando favorecer a estruturação dos procedimentos para a coleta de dados, e na qualidade de voluntária do PMVM, a pesquisadora esteve no dia 23/03/22, na comunidade de Vila Arraes, no Bairro da Várzea, Recife, onde atuou como entrevistadora dos moradores de casas populares. O objetivo dessas entrevistas, que fazem parte da Fase Engajar, é fazer um cadastro técnico que possibilite conhecer a demanda da comunidade, como mostram as figuras 10.a/c.

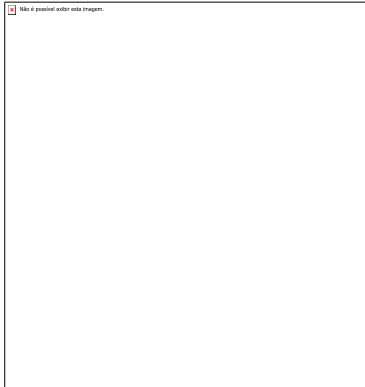


Figura 10.a

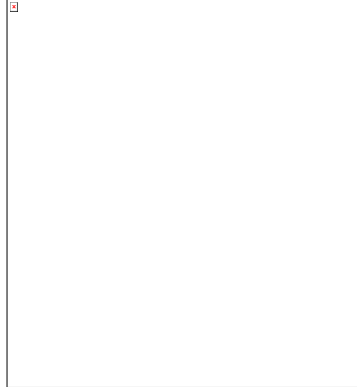


Figura 10.b

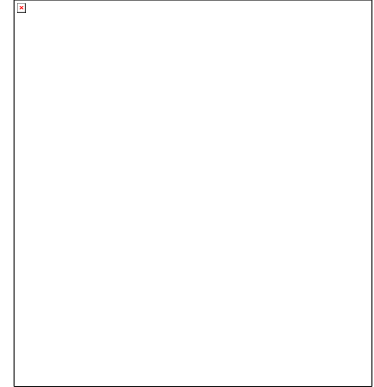


Figura 10.c

Fase Engajar, Vila Arraes, Bairro da Várzea, Recife (PE), Brasil.

Fonte: Arquivo Pessoal Autora

O envolvimento da pesquisadora na equipe de voluntários do PMVM foi de extrema importância pela necessidade de entender o funcionamento das etapas do programa, conhecer as pessoas que têm acesso aos líderes comunitários, mas principalmente, ser vista na comunidade antes mesmo de iniciar a pesquisa de campo.

Portanto, ao acompanhar todo o processo de intervenção do PMVM, em 12/03/22, numa primeira participação como voluntária na fase do Mutirão da Pintura do Programa, no Alto Nossa Senhora de Fátima, foi possível observar como se deu a escolha das cores por parte dos moradores de casas populares. Enquanto as tintas eram abertas e mexidas pelos funcionários da Prefeitura do Recife, os moradores, ao serem cadastrados, solicitavam a cor de sua preferência e já seguiam para suas casas com o latão da tinta escolhida, os pinceis e dois voluntários para ajudarem na pintura, figuras 11.a/c.



Figura 11.a

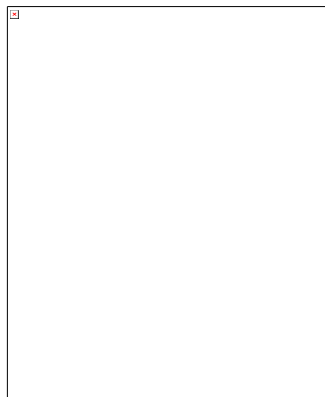


Figura 11.b



Figura 11.c

Paleta de cores do Mutirão da Pintura, Alto N. Sra. de Fátima, Bairro Vasco da Gama, Recife (PE).

Fonte: Arquivo Pessoal Autora.

O Mutirão tem início e o morro vai se transformando numa mistura de cores, figuras 12.a/e, independente da tipologia da casa ou dos acordes cromáticos.

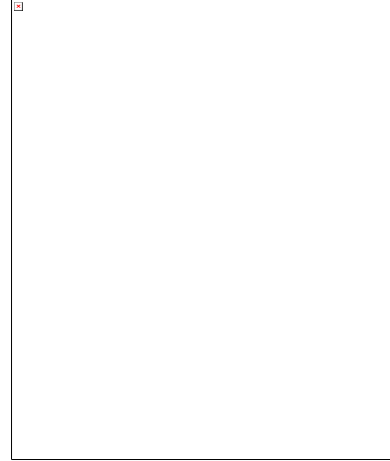
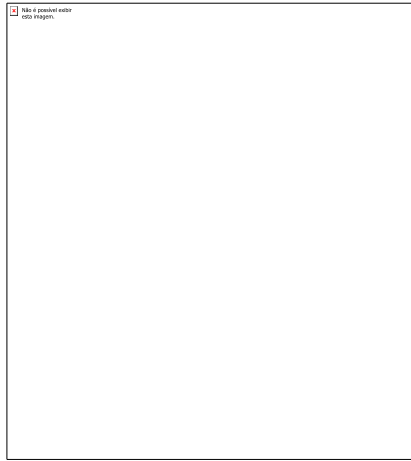


Figura 12.a
Mutirão da Pintura. Alto N. Sra. de Fátima, Vasco da Gama, Recife (PE), Brasil.
Fonte: Arquivo Pessoal Autora.

Figura 12.b

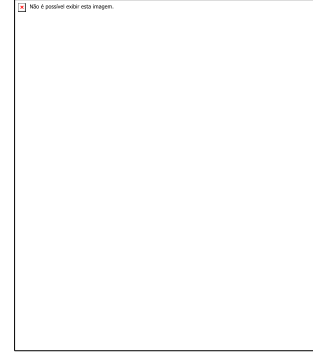
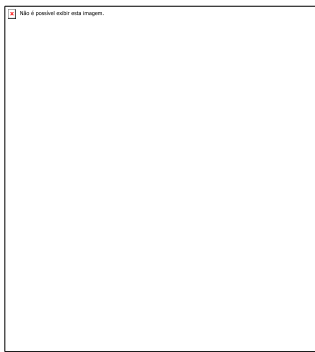


Figura 12.c
Mutirão da Pintura. Alto N. Sra. de Fátima, Vasco da Gama, Recife (PE), Brasil.
Fonte: Arquivo Pessoal Autora

Figura 12.d

Figura 12.e

O Alto Nossa Senhora de Fátima (não reconhecido como bairro na estrutura geopolítica da cidade), comunidade recortada como unidade geográfica tomada para estudo, está localizado no Bairro Vasco da Gama, que fica na zona norte do Município do Recife. Faz limite ao norte com o Bairro Brejo de Beberibe, ao sul com o Bairro de Casa Amarela, ao leste com os Bairros Morro da Conceição e Alto José Bonifácio e a oeste com o Bairro de Nova Descoberta, figura 13.



Figura 13: Mapa do Bairro Vasco da Gama, Recife (PE), Brasil.
Fonte: <https://www2.recife.pe.gov.br/wp-content/uploads/VASCO-DA-GAMA.jpg>

3. O USO DA COR NO ESPAÇO URBANO

Este capítulo apresenta a base teórica da pesquisa, e se constitui em três subitens relacionados à tríade teórica da pesquisa, teoria da cor, percepção ambiental e ergonomia do ambiente construído.

3.1 TEORIA DA COR

O estudo da cor no ocidente tem como mentores os filósofos gregos Pitágoras, Platão e Aristóteles. No século XVII, com os estudos de Isaac Newton, a cor passa a ser entendida como um fenômeno físico (CESAR, 2013).

No século seguinte, com a Doutrina das Cores, o alemão Johann Wolfgang Von Goethe, opta por basear seus estudos sobre a cor nos aspectos perceptivos relacionados ao olho, atribuindo às cores uma dimensão fisiológica (CESAR, 2013).

Tal interesse pelo estudo da cor teve início quando Goethe buscou conhecer melhor a escolha das cores na pintura. No entanto, em sua pesquisa com pintores não encontrou respostas convincentes, que utilizassem uma teoria que pudesse ser replicada, surgindo assim a necessidade de um estudo mais aprofundado sobre cores, realizado principalmente através de experiências empíricas (GOETHE, 1808 - 1810 apud GIANNOTTI, 2013).

A investigação de Goethe abriu novas portas para o conhecimento das cores, sugerindo um espectro multidisciplinar para diversas abordagens do fenômeno (BARROS, 2006). Ainda para a autora, mais do que uma teoria das cores, a doutrina de Goethe contribui com indagações sobre a percepção visual, abrindo caminho para o que mais tarde se definiria como fenomenologia da visão.

A tese de Goethe tem como resultado um círculo cromático de seis cores opostas umas às outras, onde buscou relacionar as manchas cromáticas com nossas faculdades: razão, fantasia, entendimento e sensibilidade, passando em seguida a relacioná-las com os conceitos de belo, nobre, necessário, comum e bom (GOETHE, 1808 - 1810 apud GIANNOTTI, 2013), figura 14. De acordo com Barros (2006), a partir da abordagem de Goethe, a cor passou a ser entendida não apenas como um fenômeno físico, mas também como um fenômeno fisiológico e psíquico, onde Goethe procurou o significado, investigando o fenômeno da cor, fenômeno esse percebido e sentido pelo homem (MATTHAEI, 1971 apud BARROS, 2006).

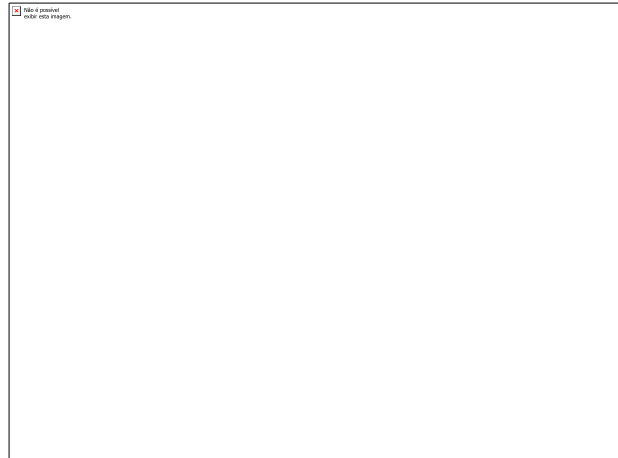


Figura 14: Círculo Cromático de Goethe, 1798-99.
Fonte: Doutrina das cores.

No final do século XIX, estudos em fisiologia humana indicaram que a cor, além de ser um fenômeno físico exterior e objetivo, é também produto da interação entre a nossa retina e o cérebro, restando a análise fisiológica, onde o estudo da cor se entrelaça com o conhecimento da própria percepção humana (GOETHE, 1808 -1810 apud GIANNOTTI, 2013).

Portanto, ainda segundo Goethe (1810 apud GIANNOTTI, 2013), as técnicas de uso e percepção da cor não acontecem de forma fixa, inalterável, e sim representando cada época e diferentes culturas, constituindo assim uma linguagem própria que requer aprendizado e reflexão.

Muito mais do que uma questão estética, as cores têm função de comunicar valores. Assim, importante se faz definir alguns conceitos, a partir de Sargent (1964), tais como: matiz - refere-se àquela qualidade cromática de uma cor que indicamos pelo seu nome, como azul, azul esverdeado etc. Ou seja, para alterar o matiz de uma cor devemos misturar outra cor a ela. Se um pouco de verde for misturado com azul, a mudança resultante de azul para azul esverdeado é uma modificação de matiz. Luminosidade refere-se à relação de uma cor com o branco e o preto, que indicamos quando dizemos um azul claro ou um azul escuro, ou seja, um azul de maior ou menor luminosidade do que o normal do espectro. Para alterar a luminosidade de uma cor, devemos misturá-la com algo mais claro ou mais escuro que ela mesma. Ao misturar branco ou preto com uma cor, alteramos sua luminosidade sem alterar sua tonalidade. Saturação refere-se à força da cor de um matiz em comparação com um cinza incolor. Indicamos essa comparação quando dizemos um azul brilhante ou um azul opaco. Para alterar a intensidade de uma cor, misturamos a ela algo mais cinza do que

realmente é. Ao misturar com uma cor um cinza neutro, que não é nem mais claro nem mais escuro do que a cor dada, ou seja, um cinza que tem a mesma luminosidade da cor, alteramos a intensidade da coloração sem mudar a sua luminosidade ou matiz. Portanto, cada matiz exerce seu efeito particular sobre nós.

O comportamento de nossos próprios olhos, nos processos de fadiga ou alívio, também é, sem dúvida, um fator importante na determinação de nossas preferências por certas cores, tons e combinações. Os objetos coloridos parecem ter uma relação emocional mais próxima conosco do que os objetos de tom neutro. A qualidade adicional da cor ajuda a atrair nossa atenção e a mantê-la por mais tempo. Os matizes não precisam ser opacos para serem agradáveis – os amantes de cores brilhantes, que têm a coragem de sua preferência, são frequentemente confrontados com a teoria de que todas as cores refinadas são necessariamente de intensidade muito reduzida. Portanto, cada matiz exerce seu efeito particular sobre nós. Segundo Sargent (1964), as impressões produzidas por um determinado matiz são tão específicas que até animais e insetos parecem ter preferências marcantes por certas cores, pelo menos seu comportamento é evidentemente influenciado por mudanças de cor.

3.1.1. A Cor

Por envolver desde a composição química dos pigmentos, os estudos da física da luz e da fisiologia do aparelho visual até as questões psicológicas da sua interpretação e assimilação, além das questões relativas à estética e simbologia, aprofundar os conhecimentos sobre o fenômeno das cores pode se tornar um trabalho um tanto abrangente. Assim, a cor, pode ser objeto de pesquisa em todas essas áreas de estudos, ora com conotação técnica ao ser associada à física óptica e à química dos pigmentos, ora em caráter subjetivo da percepção fisiológica e psicológica.

A cor é vista como um dos meios de comunicação desde a Idade Média, período em que eram utilizadas nas obras barrocas com a finalidade de simbolizar e distinguir o sagrado do profano (tudo aquilo que transgride as regras sagradas), de acordo com a perspectiva medieval. Isso é mais uma prova do fato de que a cor exerce papel importantíssimo no psicológico humano. Sabe-se que temos reações e sentimentos diferentes para cada cor. Diversos autores (HELLER, 2000; GUIMARÃES, 2004; BARROS, 2006; LONG, 2011; FARINA, 2011) trazem recomendações envolvendo a aplicação das cores, as influências da luz e os efeitos

sobre o estado emocional das pessoas. Alguns estudos comprovam que as cores podem influenciar nosso comportamento, tendo relação com estados de tristeza, alegria, calma, irritação e, com isso, interferindo na qualidade daquilo que fazemos.

Explicar o que é a cor não é uma missão fácil, visto que está intrinsicamente relacionada com os nossos sentimentos, ao tempo em que sofre influências de aspectos sociais baseados em cultura, símbolo, experiências vividas, além dos aspectos fisiológicos (FARINA *et al.* 2011).

Portanto, as cores constituem estímulos psicológicos para a sensibilidade humana, influenciando no indivíduo para gostar ou não de algo, para negar ou afirmar, para se abster ou agir. Muitas preferências sobre as cores se baseiam em associações ou experiências agradáveis tidas no passado, o que faz com que se torne difícil mudar as preferências sobre elas.

A natureza oferece um número infinito de cores. Hoje em dia, existem equipamentos que produzem imagens de milhões de cores (GUIMARÃES, 2004), mas nossa percepção não consegue discernir todos esses tons, além do nosso vocabulário não ser capaz de atribuir nomes próprios a eles. A composição do nome da cor com claro e escuro ou com terminações que inclinam para outra cor, como amarelado, esverdeado, azulado etc., multiplica, na maioria das vezes, o repertório de nomes das cores. Ainda há o uso que indica a origem material da cor, tipo verde-bandeira, verde-musgo, verde-esmeralda, verde-da-prússia, verde-limão, verde-abacate etc. Assim, as cores vão sendo definidas e ganhando nomes próprios que nem sempre têm a mesma cor de referência. Para Graves (1952 apud SANTOS, 2014), de todos os métodos criados para padronizar a classificação das cores, o de Munsell é o mais bem sucedido, pois apresenta uma nomenclatura clara, simples e específica para designar as cores, facilitando sua identificação pela comparação visual, já que o nome da cor é dado com base em seu grau de luminosidade, saturação e matiz.

Uma composição cromática, como toda experiência visual, é dinâmica, visto que as cores apresentam características de peso, distância e movimento que, combinadas à proporção e localização das formas, constroem uma informação complexa cuja totalidade provoca reações diversas no observador (GUIMARÃES, 2004). No entanto, a conquista de uma composição cromática agradável depende do equilíbrio e da harmonia que são necessidades naturais da nossa percepção visual.

As cores assumem simbologias diferentes. O amarelo, por exemplo, em várias culturas, é relacionado à loucura, à mentira e à traição. É também a cor dos excluídos

e dos reprovados: a cor imposta aos judeus e aos condenados pela Inquisição, de acordo com Guimarães (2004). É interessante registrar que para a nossa jovem sociedade, o amarelo é a cor da alegria, do calor, do ouro, do fruto maduro e da tropicalidade.

Na cultura ocidental, o binômio vida-morte tem como correspondência cromática a oposição branco-preto, vinculando dessa forma, o preto, como a cor da morte, das trevas, sendo essa a origem da simbologia ocidental do preto, segundo Bystrina (1995 apud GUIMARÃES, 2004). Já o branco é a cor da vida e da paz.

No entanto, na simbologia das cores é possível encontrar dois sentidos opostos para a mesma cor: um sentido positivo e outro negativo e dessa maneira existirem significados como violência e paixão, guerra e amor, convivendo na mesma cor. Por isso, o uso da cor não deva ser restritivo, tal qual afirmar que a cor a, b ou c significa isso ou aquilo, mas indicar uma forma de conhecê-la, com toda sua riqueza cultural, segundo Baitello Junior (1997 apud GUIMARÃES, 2004).

Portanto, não é possível um domínio absoluto da cor. Ela é, de todas as manifestações do mundo visível, a que mais escapa ao nosso controle (GUIMARÃES, 2004).

3.2. A PERCEPÇÃO AMBIENTAL

A percepção entre pessoa e ambiente, onde o ser humano é influenciado pelo meio em que vive, mas ao mesmo tempo é capaz de moldar o espaço em que habita, é um tema recorrente da Psicologia Ambiental, visto que, segundo Cavalcante e Elali (2017), a ação humana se reflete diretamente em seu entorno, mesmo que suas consequências não sejam perceptíveis imediatamente. É esse comportamento equivocado, onde o ser humano prioriza seu bem-estar imediato, ignorando as consequências das suas ações sobre o planeta, que surge e se consolida a Psicologia Ambiental como área de conhecimento (SOMMER, 2000; SIME, 1999; STOCKOLS, 1995; POL, 1993 apud CAVALCANTE E ELALI, 2017). Por isso é importante compreender a construção de significados e comportamentos inerentes aos diversos espaços de vivência, suas respectivas modificações e consequências na relação pessoa – ambiente. Ainda, de acordo com Cavalcante e Elali (2017), dentro do estudo dessas relações recíprocas entre a pessoa e o ambiente, a Psicologia Ambiental

destaca diversos processos psicossociais (percepção, cognição, representações e simbolizações) nos quais se baseiam nosso comportamento.

Portanto, a psicologia ambiental é um campo de conhecimento que se debruça sobre os aspectos psicológicos inerentes às relações entre as pessoas e os ambientes, ao mesmo tempo em que seus diferentes conceitos explicitam as consequências que os ambientes exercem sobre as pessoas (CAVALCANTE; ELALI, 2018). Assim, enquanto os ambientes são moldados pelas pessoas, elas são influenciadas e afetadas por eles. Segundo Kuhnen e Higuchi (2011 apud FEDRIZZI; OWENS, 2018), a percepção ambiental está relacionada ao modo como as pessoas experienciam os aspectos ambientais presentes em seu entorno, para o que são importantes os aspectos físicos, sociais, culturais e históricos. Graças a sua função de interpretação e de construção de significados, a percepção ambiental exerce papel fundamental nos processos de apropriação e de identificação dos espaços e ambientes.

Ao ler o texto de Russell (1988), “Affective appraisals of environments”, pode-se inferir que avaliação afetiva é um aspecto de como alguém interpreta um ambiente. Encontrar um lugar agradável, interessante, estressante, ou semelhante é atribuir a esse lugar uma qualidade afetiva - uma capacidade de alterar o humor. Em outras palavras, dizer que um ambiente é agradável é afirmar que pode produzir o prazer. No entanto, a medição das avaliações afetivas deve ter em conta a sua relatividade. Segundo o autor, indivíduos diferentes podem não avaliar afetivamente o mesmo ambiente, exatamente da mesma maneira. Nem o mesmo indivíduo em momentos diferentes. Então, como podemos avaliar o ambiente em si, para saber o quanto estressante, envolvente, agradável e assim por diante o lugar é? Nesse caminho, o que faz com que os moradores de casas populares optem por pintá-las com cores vibrantes, brilhantes, com diferentes acordes cromáticos?

De acordo com Heath (1988), no seu artigo intitulado “Behavioral and perceptual aspects of the aesthetics of urban environments”, há algumas hipóteses ao analisarmos os objetivos ou comportamentos dos indivíduos. A primeira baseia-se nos objetivos diferentes, visto que, objetivos específicos obstruem a interação estética com o meio ambiente. A segunda hipótese sugere que o nosso mapa mental de uma cidade é construído a partir de lugares marcantes. Uma terceira hipótese é a que fala sobre as áreas da frente, as mais visíveis, que devem estar prontas para serem mostradas, já nos bastidores podemos ser nós mesmos.

Muitas pessoas entendem a estética como algo que varia de pessoa para pessoa, embora pesquisas demonstrem que é possível estudar científica e quantitativamente atributos estéticos, identificando padrões de preferência (NASAR, 1997). Portanto, quaisquer descobertas sobre preferências humanas, preceitos, cognição, comportamento, variáveis socioculturais, e assim por diante, terão, em princípio, um impacto em nossa compreensão da forma urbana e, por meio disso, influenciarão a maneira como as cidades são organizadas e os critérios usados no planejamento e design (RAPOPORT, 1977).

3.2.1. A Cor e a Percepção Ambiental

Em relação à pesquisa realizada, citamos o fato de que este tema ainda está principiando no ambiente científico, não tendo sido amplamente abordado na literatura acadêmica. No entanto, pesquisas revelam fortes correlações entre o prazer percebido pelos residentes e a colocação de cores no espaço urbano (WAN *et al.* 2020). Segundo esse autor, a conotação emocional da cor está principalmente relacionada à luminosidade e croma, e menos relacionado ao matiz. No momento, há poucas evidências de pesquisas indicando que a cor pode transmitir emoções, considerando que os estudos sobre a cor urbana têm se concentrado tipicamente em bairros e áreas históricas e culturais. Diz-se que, ainda é impossível provar se impacta nas percepções internas dos residentes urbanos. No entanto, nos últimos anos, temas como planejamento urbano da cor e psicologia da cor têm estado em ascensão. Além de suas próprias áreas, esses estudos penetraram em campos como arquitetura e design, que refletem seu grande potencial de pesquisa. Cientificamente, identifica arranjos de cores que podem melhorar o humor humano, para promover a felicidade dos residentes do ambiente urbano e a imagem geral da cidade.

De acordo com Ojo e Kayode (2006), há narrativas sobre a cor ser expressiva porque carrega consigo um simbolismo. Relatam ainda, que existem várias teorias sobre o que é o conceito da cor. O artigo citado propõe que a teoria do pigmento é a mais relevante quando aplicada ao embelezamento do ambiente urbano. Para os autores, precisamos viver em um ambiente agradável. Há uma sensação de euforia quando os arredores são lugares lindamente pintados e decorados, ainda que existam contradições e ambiguidades na medição das emoções humanas, e na resposta psicológica à cor.

No entanto, ainda temos que reconhecer a existência de alguns pontos em comum em nossas experiências com cores e embelezamento ambiental. Em um estudo de caso, realizado por Cubukcu *et al.* (2007) na Turquia, concluiu-se que pouco se sabe sobre a preferência de cores das pessoas para exteriores. Cabe ainda destacar, que a maioria dos estudos usam fotografias coloridas e imagens diversas, ignorando o contexto na preferência da cor.

Já, para Heller (2000), não existe cor desprovida de significado, ou seja, a impressão causada por cada cor é determinada por seu contexto e pelo entrelaçamento de significados em que são percebidas. Ainda para a autora, pesquisas demonstram que cores e sentimentos não se combinam ao acaso nem são uma questão de gosto individual – são vivências comuns que, desde a infância, foram ficando profundamente enraizadas em nossa linguagem e em nosso pensamento. No seu livro, *A psicologia das cores – como as cores afetam a emoção e a razão*, Heller (2000) traz alguns conceitos das cores, observados na sua pesquisa, tais como beleza (que não necessariamente é um critério para escolher a cor preferida), elegância (que significaria abrir mão do desejo de chamar atenção), esperança (como um sentimento de que os tempos de escassez estão ficando para trás), pureza, inocência, branco (como símbolo da paz) e originalidade (como alguém que quer se sobressair).

Para Santos (2014), a simpatia ou antipatia das pessoas por uma cor pode estar ligada a algo que aconteceu no passado, ainda que não se recordem. Ou mesmo pela existência de uma identificação do indivíduo com a cor, através dos traços de personalidade e das características psicológicas da cor por ele preferida. Ainda segundo a autora, um dos fatores que determinam a escolha das cores são os costumes sociais adotados nas diversas regiões, visto que os significados conotativos das cores também influenciam na formação dos hábitos de um povo, quando sensações visuais são empregadas para definir sentimentos ou situações por ele vividas.

O fator fisiológico é também determinante na escolha das cores (BAMZ, 1980 apud SANTOS, 2014), porque as preferências variam de acordo com a idade das pessoas:

- Amarelo: de 20 a 30 anos (idade da força, potência, arrogância);
- Verde: de 30 a 40 anos (idade da diminuição do fogo juvenil);
- Azul: de 40 a 50 anos (idade do pensamento e da inteligência);
- Lilás: de 50 a 60 anos (idade do juízo, do misticismo, da lei); e

- Roxo: de 60 anos em diante (idade do saber, da experiência, da benevolência).

A cor possui ainda seu próprio vocabulário para expressar os sentimentos humanos, que de acordo com Santos (2014), os cientistas estabeleceram os seguintes significados psicológicos das cores:

- Vermelho: vida, energia, revolta, ira, perigo, paixão, coragem, movimento, vulgaridade, vigor, violência, calor, glória.
- Laranja: calor, luminosidade, energia, estímulo, luxúria, euforia, tentação, alegria, advertência.
- Amarelo: traição, iluminação, covardia, alegria, orgulho, sabedoria, vontade, gozo, conforto.
- Verde: esperança, equilíbrio, calma, tranquilidade, suavidade, abundância, saúde, juventude, bem-estar.
- Azul: serenidade, nobreza, repouso, confiança, meditação, infinito, frieza, limpeza.
- Branco: inocência, pureza, paz, luz, serenidade, leveza, virtude, dignidade, otimismo, simplicidade, amplitude.

3.3. ERGONOMIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO

A Ergonomia do Ambiente Construído é uma área de conhecimento multidisciplinar, que estuda o comportamento dos indivíduos nos espaços físicos, a fim de dar sustentação científica para que o ambiente construído possa se adequar às variadas formas de necessidades humanas, tais como fisiológicas, psicológicas, cognitivas, sociais e culturais. Portanto, a ergonomia aplicada ao ambiente construído trata da relação Humano – Atividade – Ambiente, estudando em que medida o ambiente é favorecedor ou dificultador das atividades.

O ambiente tem um impacto importante no sistema produtivo, ou seja, ele interfere na forma como a pessoa se sente, produz e/ou realiza qualquer atividade. Portanto, a ergonomia aplicada ao ambiente construído estuda como as coisas podem funcionar melhor naquele ambiente de maneira a estar adequado ao uso para o qual foi concebido. Na definição de uma estratégia de abordagem ergonômica do ambiente

construído é primordial que se tenha como foco principal o ser humano, usuário desse espaço.

Portanto, a ergonomia trata do conforto físico e psicológico. Ela está em todas as atividades, se importa com aspectos essenciais na realização de qualquer atividade, promovendo bem-estar, conforto, saúde, prazer e qualidade de vida. Assim, a EAC preocupa-se com o perfeito entendimento das necessidades físicas do usuário em um lugar, mas também com a questão da sua percepção e satisfação.

De acordo com Villarouco (2018), entre os elementos considerados pela EAC, além do conforto ambiental, estão os princípios da percepção ambiental, bem como a adequação de materiais, como cores e texturas, sendo necessária, uma abordagem sistêmica quando tratar-se de avaliar o ambiente sob a ótica da Ergonomia.

Assim, entende-se que a Ergonomia do Ambiente Construído procura a interação entre usuário e ambiente, adequando o espaço para os usuários e as atividades que ali serão exercidas, e não o sentindo inverso, propagando dessa forma, mais saúde, bem-estar e prazer.

Todo ambiente ocupado, segundo Bormio (2016), exerce influências no usuário e o orienta a determinados comportamentos que se refletem no desempenho de suas atividades. Por sua vez, os reflexos tanto podem ser benéficos ou não, o que justifica a procura por soluções espaciais que atendam às variadas necessidades humanas.

Entende-se, então, que o comportamento dos usuários no ambiente construído se dá muito fortemente pela sua percepção em relação ao espaço, provocada pelos estímulos ambientais captados. Para Bins Ely (2004), é pela percepção que o indivíduo se orienta no espaço, sendo o ponto de partida das atividades humanas. Neste contexto, a autora reforça a importância de conhecer os elementos que podem causar estímulos sensoriais notáveis em um ambiente. Logo, criar ambientes atrativos e funcionais pode contribuir para o bem-estar daqueles que o utilizam. Mont'Alvão (2011) expõe que o ambiente construído é fruto direto da influência humana, e que, por esse viés, o ambiente vai também influenciar o comportamento do usuário.

Sendo assim, entende-se que os usuários do espaço, são quem ditarão as diretrizes projetuais. Logo, pressupõe-se que não só as necessidades físicas, mas também as psicológicas devem ser contempladas, haja vista que essas também influem no planejamento de seu espaço.

A partir das suas sensações e percepções, as interações do indivíduo com o ambiente refletem na sua forma de agir, além de exercerem efeitos sobre as variáveis

comportamentais derivadas de qualidades visuais percebidas, tais como sensação de agradabilidade, relaxamento, estímulo e emoção (MONT'ALVÃO; FIGUEIREDO, 2006). Segundo Villarouco (2008) o ambiente se apresenta como catalisador de comportamentos, inibindo ou induzindo determinadas atitudes.

Para Bins Ely, Olinto e Villela (2016), independente do propósito do ambiente, a qualidade percebida pode favorecer as atividades que ocorrem no espaço, atendendo às necessidades funcionais e subjetivas dos usuários.

4. METODOLOGIA

Este capítulo apresenta a metodologia definida para a pesquisa. Inicia-se apresentando a revisão sistemática, posteriormente apresentam-se os métodos de abordagem e por último, os de procedimentos. Posteriormente, são explicadas as técnicas e ferramentas de pesquisa que foram utilizadas. O protocolo de pesquisa é então exposto e segue-se para o detalhamento dos instrumentos que foram aplicados para a coleta e análise de dados. Ao final, detalha-se a população e as considerações éticas que foram abordadas na pesquisa.

4.1 REVISÃO SISTEMÁTICA

A Revisão Sistemática foi conduzida na base de dados Scopus, com última busca realizada no dia 22 de julho de 2021. Para auxiliar na formulação da pergunta e na definição dos termos da pesquisa, utilizou-se da estratégia PICO, cujo conceito foi introduzido por Richardson *et al.* (1995), objetivando dividir questões clínicas em palavras-chave pesquisáveis. Através da formulação da pergunta de pesquisa e da pesquisa bibliográfica, foi possível obter de maneira adequada, as referências necessárias para o entendimento do estado da arte.

Assim, o acrônimo PICO, foi utilizado para definir **P**opulação/paciente; **I**ntervenção; **C**omparação/controle; **O**utcomes (desfecho), conjuntamente com a pergunta de pesquisa: “Como o uso da cor em fachadas de casas populares pode influenciar a percepção dos moradores do ambiente construído?”, onde, População – Fachadas de Casas Populares; Intervenção – Efeito da Cor em Fachadas de Casas Populares; Comparação – Antes e depois da intervenção do Programa Mais Vida nos Morros; Desfecho – avaliação dos moradores das casas populares após intervenção. A pergunta foi formulada, testada e revisada pela pesquisadora responsável, obtendo-se os seguintes descritores: (influence OR effect) AND (color OR tone) AND ("built environment" OR urban) AND (psychology OR perception OR aesthetics) AND (environmental).

Para elegibilidade dos estudos, foram aplicados critérios de inclusão e de exclusão. Assim, o estudo foi incluído na revisão se: foram usados métodos específicos para explorar as percepções dos usuários em relação ao ambiente; avaliou se as cores no ambiente externo tiveram um efeito positivo na

promoção/percepção de prazer dos usuários; sugeriu que a estimulação ambiental multissensorial pode potencialmente nos afetar nos níveis sociais, emocionais e cognitivos; relatou a percepção da dinâmica da cor e os efeitos cromáticos por ela gerados; a ferramenta ou instrumento avaliou a cor como um grande impacto na nossa percepção e avaliação; ou a ferramenta ou instrumento apresentou um questionário, formulário ou entrevista para sua aplicação. O estudo foi excluído da Revisão se: compreende relato de caso ou recomendações; o idioma do artigo não é o português, inglês ou espanhol; e é de acesso restrito.

Os dados das ferramentas e instrumentos identificados foram extraídos e organizados em uma planilha do Google, contendo os seguintes itens de análise: (1) Identificação (título do estudo); (2) Autores; (3) País do primeiro autor; (4) ano do estudo, tabela 1.

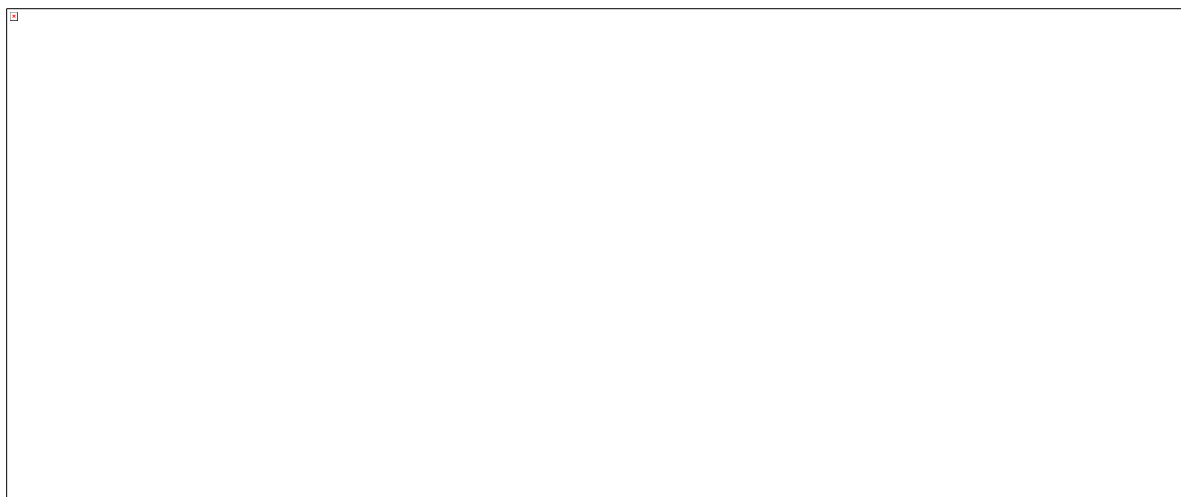


Tabela 1. País do primeiro autor X ano de estudo.
Fonte: Arquivos da pesquisa, 2021.

A busca na base de dados resultou no número total de 60 estudos. Seguindo as referências de artigos, serão incluídos, posteriormente, outros artigos que atendam aos critérios de elegibilidade. Não foram encontrados estudos duplicados, obteve-se 60 artigos. Desses, 44 foram descartados por não possuir alinhamento com a temática da revisão mediante a leitura do título e resumo. Assim, fez-se a leitura completa de 7 estudos, por não haver qualquer exclusão e por não atenderem a algum dos critérios de elegibilidade. Por fim, foram incluídos na revisão para a realização das análises qualitativas, 7 estudos, conforme o fluxograma na figura 4.

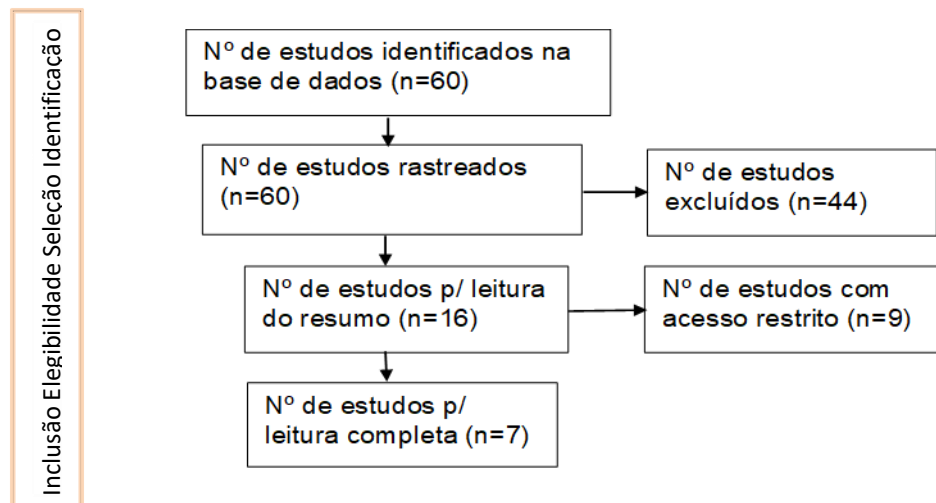


Figura 15. Fluxograma de quatro fases da Revisão Sistemática de acordo com PRISMA. Fonte: elaborado pela autora com base em LIBERATI *et al* (2009) e nos dados da pesquisa.

Em relação ao que foi encontrado de relevante para a pesquisa ora apresentada, há o fato que este tema ainda está principiando no ambiente científico e não foi amplamente abordado na literatura acadêmica. Acredita-se que a conotação emocional da cor está principalmente relacionada à luminosidade e croma, e menos relacionado ao matiz. No momento, há poucas evidências de pesquisa indicando que a cor possa transmitir emoções, considerando que os estudos sobre a cor urbana têm se concentrado tipicamente em bairros e áreas históricas e culturais.

Diz-se que ainda não é possível provar se impacta nas percepções internas dos residentes urbanos. No entanto, nos últimos anos, temas como planejamento urbano da cor e psicologia da cor têm estado em ascensão. Além de seus próprios campos, esses estudos penetraram em campos como arquitetura e design, refletindo seu grande potencial de pesquisa. Cientificamente, identificam-se arranjos de cores que podem melhorar o humor humano para promover a felicidade dos residentes do ambiente urbano e a imagem geral da cidade.

No artigo que discorre sobre o estudo de caso na Nigéria há narrativas sobre a cor ser expressiva porque carrega consigo um simbolismo. Relata-se ainda que existam várias teorias sobre qual seja o conceito da cor. O artigo propõe que a teoria do pigmento é a mais relevante quando aplicada ao embelezamento do ambiente urbano. Para o autor, é preciso viver em um ambiente agradável. Há uma sensação de euforia quando os arredores são lugares lindamente pintados e decorados. Em resumo, uma vez que existam contradições e ambiguidades na medição das emoções

humanas e na resposta psicológica à cor, ainda não há respostas precisas para isso. No entanto, reconhece-se que existem alguns pontos em comum nas experiências com cores e embelezamento ambiental.

Após a condução da revisão sistemática, foi possível identificar o que há de estudos alinhados com os objetivos da pesquisa. Esses estudos circundam e por vezes envolvem o tema da investigação em andamento. É importante registrar duas limitações observadas. Primeiro, apenas uma das maiores bases de dados foi incluída nesta pesquisa (Scopus). Estudos futuros devem ampliar essa análise, incluindo as bases de periódicos Web of Science e SciELO, além das bases de teses e dissertações nacionais e internacionais. Segundo, focou-se apenas em algumas palavras-chaves, não incluindo fachadas de casas populares e percepção cromática, somente para exemplificar.

Posteriormente apresentam-se o método de abordagem e os de procedimentos. Depois, são explicadas as técnicas e ferramentas de pesquisa que serão utilizadas. O protocolo de pesquisa é então exposto e segue-se para o detalhamento dos instrumentos que serão aplicados para a coleta e análise de dados. Ao final, define-se a população e as considerações éticas que se pretendem abordar na pesquisa.

4.2. MÉTODOS DE ABORDAGEM

De caráter qualitativo, sob o ponto de vista da abordagem, a pesquisa se divide em duas partes, a primeira parte diz respeito ao Referencial Teórico, que, segundo Marconi e Lakatos (2008), pode ser caracterizado como Documentação Indireta ou Fonte Secundária, que inclui a pesquisa documental e a pesquisa bibliográfica. Esse levantamento dos principais trabalhos realizados é capaz de fornecer dados atuais e relevantes relacionados ao tema, tendo como fontes de pesquisa: livros, artigos, periódicos, revistas científicas, obras literárias etc. A segunda parte refere-se à Pesquisa de Campo, que pode, ainda de acordo com as categorias propostas pelas mesmas autoras, ser caracterizada como Documentação Direta ou Fonte Primária, do tipo Exploratória. Definida como investigação de pesquisa empírica cujo objetivo é a formulação de questões ou de um problema, com tripla finalidade: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno para a realização de uma pesquisa futura mais precisa ou modificar e

clarificar conceitos. Os contatos diretos, pesquisa de campo ou de laboratório são realizados com pessoas que podem fornecer dados ou sugerir possíveis fontes de informações úteis, que no caso da pesquisa em andamento, foram os moradores de casas populares, os líderes comunitários, os coordenadores e os participantes dos Mutirões do Programa Mais Vida nos Morros.

4.3. MÉTODOS DE PROCEDIMENTOS

É fundamental a elaboração clara dos procedimentos de pesquisa, na busca de obter o melhor resultado possível em relação a operacionalização dos objetivos traçados.

4.3.1. Instrumentos para a coleta de dados

Como técnica de coleta de dados, a Entrevista Estruturada é aquela em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido, cujas perguntas são predeterminadas. Ela se realiza de acordo com um formulário previamente elaborado e é efetuada de preferência com pessoas selecionadas de acordo com um plano. O pesquisador não é livre para adaptar suas perguntas a determinada situação, nem pode alterar a ordem dos tópicos ou fazer outras perguntas. Nesse subitem são resolvidas as questões e desenho da pesquisa.

Dando prosseguimento, parte-se para o planejamento da coleta de dados empíricos. A preparação da entrevista é uma etapa importante da pesquisa, requer tempo e exige que o pesquisador tenha claramente os objetivos a serem alcançados. As respostas devem ser anotadas no momento da entrevista, para que não sejam esquecidas ou alteradas. Se possível, é importante anotar gestos, atitudes e mudança no tom da voz, tornando o relato ainda mais verossímil, Marconi e Lakatos (2003). A coleta de dados é a etapa da pesquisa que, quase sempre, requer mais tempo e atenção do pesquisador. É necessário muito cuidado no registro dos dados e um bom preparo do entrevistador, que deverá ter controle na aplicação dos instrumentos de pesquisa evitando possíveis falhas. Após a coleta de dados será necessário o exame minucioso de todo o material anotado no formulário específico, evitando erros e informações distorcidas que possam comprometer a pesquisa. Posteriormente, dar-se-á início à codificação, que nada mais é do que transformar o que é qualitativo em

quantitativo como forma de facilitar a tabulação dos dados e seu entendimento, Marconi e Lakatos (2003).

Com o instrumento de pesquisa escolhido, entrevistas estruturadas com os moradores de casas populares, seguiu-se para os procedimentos necessários à coleta de dados; estruturando as perguntas das entrevistas que foram aplicadas aos moradores de casas populares.

Após as conversas com coordenadores e participantes ou não do Programa Mais Vida nos Morros surgiram ideias que foram utilizadas na estruturação do roteiro da entrevista que foi realizada em campo.

Segundo Marconi e Lakatos (2002), a entrevista possui grande relevância de natureza social, onde é possível obter informações a respeito de determinado assunto diretamente com o entrevistado. De acordo com as mesmas autoras, a entrevista estruturada é aquela que possui um roteiro de perguntas previamente definidas. Como vantagem para a utilização de entrevistas estruturadas, ressalta-se a oportunidade de o pesquisador esclarecer melhor aos participantes sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa, assim como verificar o correto entendimento das perguntas realizadas, além de observar as reações dos entrevistados.

O roteiro de perguntas da entrevista foi definido a partir das caracterizações necessárias para responder aos objetivos traçados, quais sejam: **caracterização da população amostral** - tem o objetivo de levantar dados sociodemográficos da população amostral, tais como idade, gênero, escolaridade e renda, com vistas a responder ao quarto objetivo específico da pesquisa, se há conexão entre definição/caracterização da amostra e preferência cromática apuradas?; **caracterização da situação real do imóvel** - nessa categoria, as cinco perguntas formuladas referem-se ao imóvel como está no momento atual. O objetivo é constatar quais cores predominam em fachadas de casas populares e a motivação para essa decisão; por fim, a **caracterização da situação desejada do imóvel** - nessa parte, as duas perguntas formuladas têm o objetivo de certificar se a cor da fachada da respectiva casa do entrevistado possui a cor preferida e os significados que as cores escolhidas transmitem para os participantes da pesquisa.

É importante ressaltar que as entrevistas foram aplicadas com os moradores decisores no processo da escolha da cor, mesmo que a decisão tenha sido baseada na escolha de um outro morador.

ROTEIRO ENTREVISTA ESTRUTURADA

CASA PARTICIPANTE DO MUTIRÃO DA PINTURA: SIM ou NÃO

CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO AMOSTRAL

- 01| Idade
- 02| Gênero
- 03| Escolaridade
- 04| Renda
- 05| A casa é própria?

CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO REAL DO IMÓVEL

- 06| Qual a cor da parte de fora da sua casa?
- 07| Qual era a cor da fachada da sua casa antes do programa Mais Vida nos Morros?
- 08| Quantos pavimentos (andares) tem seu imóvel?
- 09| Você mesmo(a) decidiu a cor da fachada da sua casa? Se não, quem?
- 10| Por que você escolheu essa cor para a parte de fora da sua casa?

CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO DESEJADA DO IMÓVEL

- 11| A cor da parte de fora da sua casa é a cor que você desejava?
 - 11.a| Se sim, qual o significado que essa cor tem para você?
 - 11.b| Se não, que cor você desejaria? Por quê?
- 12| Você ficou satisfeito(a) com o resultado?
 - 12.a| Se sim, por quê?
 - 12.b| Se não, por quê?

Alguns protocolos foram elaborados para definir os procedimentos e regras gerais que foram seguidas em todas as etapas da pesquisa exploratória.

Tratando-se de moradores de casas populares, se planejou convidá-los a participarem das entrevistas de forma direta e presencial, por meio de abordagens em campo. Para tanto, foi necessário buscar o envolvimento dos líderes comunitários para facilitar o acesso aos moradores de casas populares participantes ou não do Programa Mais Vida nos Morros. Concluída a fase de convite para participação na pesquisa foram iniciadas as entrevistas propriamente ditas.

Indicou-se também as formas de condução da entrevista antes, durante e depois da coleta de dados, como seguem.

1 - Antes da pesquisa: Foi feito o contato inicial com os moradores de casas populares através do líder comunitário para que fosse facilitado o acesso do pesquisador aos entrevistados; como foi feita a preparação dos pesquisados (dia, hora, local); a forma de aplicação da entrevista com os moradores de casas populares.

2 - Para a realização da pesquisa: A forma de registro das respostas obtidas nas entrevistas.

Definida a pesquisa exploratória, ou qualitativa, por envolver questões muito amplas, mas que fossem capazes de serem examinadas por meio de estudos quantitativos, optou-se por entrevistas, com roteiro estruturado ou padronizado para a coleta de dados. Os moradores de casas populares participantes ou não do Programa Mais Vida nos Morros foram questionados com perguntas que permitiram responder aos objetivos traçados, acerca das cores que predominam em fachadas de casas populares; que cores são preferidas em fachadas de casas populares e a motivação para essa decisão; além de avaliar se há conexão entre a caracterização amostral e a preferência das cores apuradas. Por fim, avaliar a percepção dos moradores sobre o uso da cor em fachadas de casas populares.

4.3.2. Pesquisa Piloto

A pesquisa piloto foi feita antes de ir a campo, com o objetivo de identificar falhas e mal-entendidos e, por conseguinte, aperfeiçoar o instrumento de coleta de dados e os procedimentos a serem adotados na entrevista estruturada, que foi realizada no Morro Burity, no Bairro Nova Descoberta, Recife (PE). A princípio, essa comunidade do Morro Burity havia sido escolhida para a pesquisa de campo propriamente dita. Tal mudança deveu-se ao fato de, após a constatação, através de visitas da pesquisadora, que o tempo decorrido (dois anos e meio) entre a pintura das fachadas e o momento da entrevista já não apresentava a situação desejada dos imóveis, pois nova pintura já se fazia necessária, segundo relato dos moradores.

No domingo 18/09/22, numa segunda visita ao Morro Burity no Bairro de Nova Descoberta, foram realizadas cinco entrevistas, objetivando testar o roteiro da entrevista estruturada. Naquele momento, ao aplicar as entrevistas estruturadas com os moradores de casas populares participantes do Programa Mais Vida nos Morros,

foi percebida pela pesquisadora a necessidade de ampliar a amostra de participantes incluindo também os moradores de casas populares que não foram agraciados com a doação de tintas pelo PMVM, de modo a captar a percepção do uso da cor em fachadas de casas populares e sua influência no ambiente construído residencial.

Concluída a pesquisa piloto utilizando a versão ajustada da entrevista estruturada, cujas alterações incluíram a informação sobre a casa ter sido participante ou não do Mutirão da Pintura do PMVM, além da reformulação da pergunta 05, onde foi ajustada para: “A casa é própria?”, objetivando clarificar a autonomia dos respondentes sobre a decisão da escolha da cor da fachada, foi observado que as demais perguntas estavam de acordo com a compreensão dos participantes, iniciando assim a pesquisa de campo propriamente dita no Alto Nossa Senhora de Fátima, localizado no bairro Vasco da Gama, Recife (PE).

4.3.3. Instrumentos para a análise dos dados

De posse dos dados coletados, revistos e selecionados, iniciou-se o processo de análise dos dados; esse processamento pode ser realizado antecipadamente no próprio questionário. A tabulação vem em seguida. É ela que arruma os dados em tabelas, de maneira a permitir a verificação das relações que eles guardam entre si. Ela é uma parte do processo da técnica de análise estatística dos dados. Os dados obtidos por meio desse processamento são transferidos para as tabelas a fim de serem observados e submetidos à análise. Daí serão descritos em tabelas e gráficos em forma de colunas, de barras, de pizza etc., que facilitem o pesquisador a perceber as diferenças, semelhanças e relações entre o que foi apurado.

O Quadro 01, a seguir, mostra as estratégias metodológicas utilizadas na pesquisa de campo, elaboradas de modo a atingir seu objetivo geral e específicos.

OBJETIVO GERAL		OBJETIVOS ESPECÍFICOS	ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS	COLETA DE DADOS E ANÁLISE DE DADOS VERBALIZAÇÕES, ENTREVISTAS.
AVALIAR A PERCEPÇÃO DE MORADORES SOBRE O USO DA COR EM FACHADAS DE CASAS POPULARES	1	Constatar quais cores predominam em fachadas de casas populares e a motivação para essa decisão.	Pesquisa de Campo (piloto) com pessoas envolvidas no Mutirão do Programa Mais Vida nos Morros	Verbalizações com líder comunitário e coordenadores do Programa Mais Vida nos Morros
				Participação como voluntária no mini mutirão do Programa Mais Vida nos Morros
	2 e 3	Identificar a preferência cromática em fachadas de casas populares. Identificar os significados que as cores escolhidas transmitem para moradores participantes da pesquisa.	Levantamento do material prévio ao mutirão junto aos órgãos municipais e empresa participante da parceria público-privada	Verbalizações com pessoas participantes do mutirão do Programa Mais Vida nos Morros
				Entrevistas estruturadas com moradores das casas populares que sofreram ou não intervenção do Programa Mais Vida nos Morros
	4	Avaliar se há conexão entre caracterização da amostra e preferência cromática apuradas.	Interpretação dos resultados da pesquisa de campo	Codificação, categorização e tabulação dos dados coletados

Quadro 01: Estratégias metodológicas da pesquisa.
Fonte: Autora, 2021.

Os dados obtidos a partir das anotações realizadas foram inseridos no Google Form para serem processados e tratados. Posteriormente foram analisados pela pesquisadora responsável. Tabelas de distribuição das frequências foram elaboradas

de modo a possibilitar uma melhor visualização dos dados para as interpretações, assim como das relações encontradas entre a caracterização amostral e a preferência cromática. As entrevistas foram tabuladas e as respostas foram analisadas de modo a observar consensos e discrepâncias entre os moradores pesquisados, em forma de análise qualitativa, visto que os resultados não podem ser generalizados devido ao fato de a amostragem não ser probabilística. As informações são indicativas da situação-problema, permitindo discussão e geração de hipóteses passíveis de serem pesquisadas em estudos mais amplos, posteriormente.

Sumarizando os métodos propostos para análise dos dados, se fez uso de uma abordagem quali-quantitativa, considerando-se tabelas de distribuição das frequências dos dados, gráficos de barras e de colunas, em forma de pizza, além da análise qualitativa, propriamente dita, que possibilitou a sua discussão em relação ao referencial teórico levantado.

4.4. RECORTE DA POPULAÇÃO AMOSTRAL

Por se tratar de uma pesquisa exploratória, inicialmente não foi estabelecido um número exato para a amostragem, pois esta seria de caráter não probabilístico, intencional, composta por moradores de casas populares localizadas no Alto Nossa Senhora de Fátima, no Bairro Vasco da Gama, na cidade do Recife (PE), Brasil, Figura 16.

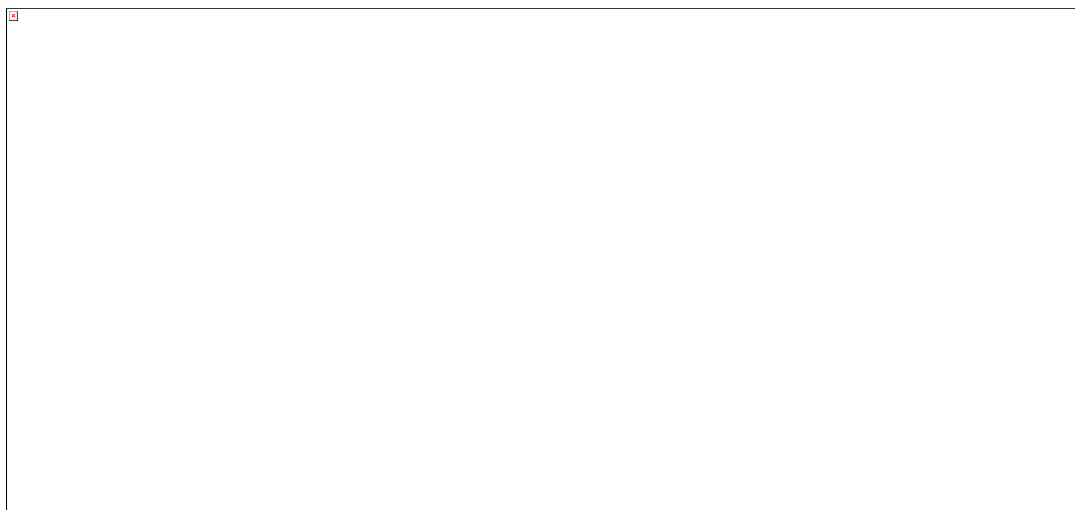


Figura 16: Mapa do Alto Nossa Senhora de Fátima, Bairro Vasco da Gama, Recife (PE), Brasil.
Fonte: Google Maps

Foram adotados como critério de inclusão o fato de ser morador de casa popular na localidade acima descrita e de ter decidido a cor da respectiva fachada.

Como critério de exclusão, listamos não ser morador de casa popular da localidade citada e não ser o membro familiar decisor da cor escolhida para a fachada da casa popular.

Devido ao cenário de pandemia, os participantes foram recrutados por conveniência, desde que se enquadrassem nos requisitos estabelecidos e aceitassem a visita da pesquisadora em suas residências, sendo tomadas todas as medidas de segurança previstas pelo Ministério da Saúde. As entrevistas aconteceram em dia e hora pré-agendados, buscando evitar incômodos.

Quanto às residências, essas foram definidas para a pesquisa independente da tipologia arquitetônica, contanto que fossem privativas e que seus residentes morassem na comunidade escolhida.

Os respondentes têm maioria, além de terem sido os decisores na escolha da cor da respectiva fachada, mesmo que o motivo da decisão tenha sido para agradar um neto, por exemplo.

Assim, no dia 10/10/2022, numa reunião prévia com o Presidente da Associação dos Moradores do Alto Nossa Senhora de Fátima, foi apresentado o formato da entrevista estruturada, foram explicitados os objetivos da pesquisa, além de esclarecidas quais características os moradores de casas populares deveriam possuir para participarem da pesquisa.

Portanto, por se tratar de uma pesquisa exploratória, com universo pequeno, não foi estabelecido um número exato para a amostragem, já que seria de caráter não probabilístico. No dia 07/11/2022, deu-se início às entrevistas propriamente ditas, cujos moradores de casas populares do alto Nossa Senhora de Fátima foram selecionados por conveniência: 1) por serem moradores de casas populares da localidade escolhida; 2) por estarem em casa por ocasião da pesquisa de campo; 3) por serem maiores de idade; 4) por terem sido decisores da escolha da cor da respectiva fachada da casa popular onde moram.

De casa em casa, iniciou-se a pesquisa, sem que houvesse qualquer referência às pessoas que aceitaram participar da entrevista, objetivando preservar o sigilo dos respondentes. Houve, no entanto, o registro da rua, do número da casa e a respectiva foto da fachada, além de um número indicativo à sequência adotada.

Como explicitado anteriormente, foram aplicadas entrevistas estruturadas com os moradores de casas populares participantes ou não do Programa Mais Vida nos Morros, de modo a captar a percepção do uso da cor em fachadas de casas populares

e sua influência no ambiente construído residencial. Portanto, as entrevistas aconteceram no ambiente construído que sofreu intervenção do Programa Mais Vida no Morro. No entanto, as casas populares participantes do Mutirão da Pintura estão localizadas ao longo da Rua José Rebouças, em Vasco da Gama, Recife (PE), figura 18. Já as casas populares, cujos moradores participaram das entrevistas, mas não foram contemplados com a pintura da fachada pelo PMVM, ou seja, que compraram o latão de tinta por sua conta e custo, estão localizadas no entorno dessa rua.

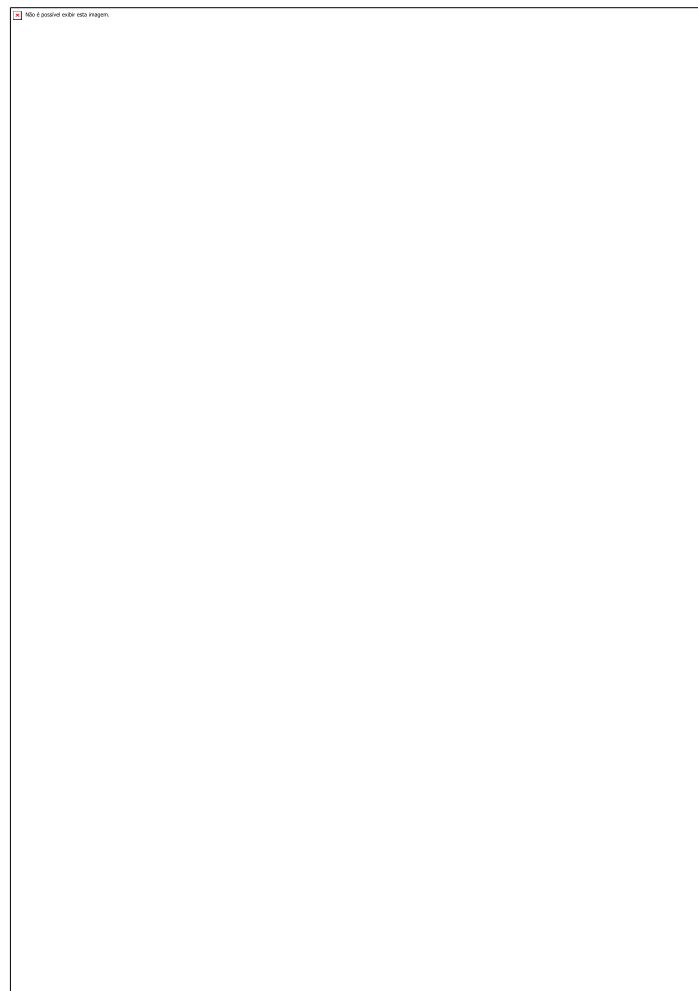


Figura 17: Intervenção PMVM, Alto Nossa Senhora de Fátima em Vasco da Gama, Recife (PE).
Fonte: PMVM

Sem adotar técnicas estatísticas probabilísticas e por se tratar de uma amostra reduzida, é importante destacar que os resultados encontrados não podem ser generalizados. No entanto, as informações qualitativas apuradas podem sugerir prováveis hipóteses para pesquisas quantitativas mais amplas.

Vasco da Gama – Recife (PE)

Localização: RPA 3, Microrregião: 3.2, Distância do Marco Zero (km)¹: 7,79

Área Territorial (hectare)²: 160

População Residente: 31.025 habitantes

População por sexo		%
Masculina	14.501	46,74
Feminina	16.524	53,26

População por faixa etária	hab	%
0 – 4 anos	2.058	6,63
5 – 14 anos	4.857	15,66
15 – 17 anos	1.653	5,33
18 – 24 anos	3.830	12,34
25 – 59 anos	15.302	49,32
60 anos e mais	3.325	10,72

População por cor ou raça ³	%
Branca	33,19
Preta	10,23
Parda	55,38
Amarela	0,98
Indígena	0,22

Taxa de Alfabetização da População de 10 anos e mais (%)⁴: 91,8

Taxa Média Geométrica de Crescimento Anual da População (2000/2010): 0,53 %

Densidade Demográfica (habitante/hectare): 193,38

Domicílios (nº)⁵: 9.113

- Média de moradores por domicílio (habitante/domicílio): 3,4
- Proporção de Mulheres Responsáveis pelo Domicílio (%): 49,51
- Valor do Rendimento Nominal Médio Mensal dos Domicílios⁶: R\$ 1.165,90

Quadro 02: Características da população e domicílio, Vasco da Gama, Recife (PE), Brasil.
 . Fonte: Secretaria de Controle e Desenvolvimento Urbano e Obras. Diretoria de
 Informações/Assessoria Técnica.

4.5. CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

É de suma importância resguardar a integridade dos participantes da pesquisa que foram entrevistados, a fim de que haja bons resultados em relação ao levantamento de dados. Portanto, antes de dar início à coleta de dados por meio dos métodos apresentados, como forma de garantir a integridade dos participantes da pesquisa, um dos principais procedimentos foi a submissão do projeto dessa pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (CEP) em atendimento a Resolução CNS-510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Após a aprovação e emissão do parecer consubstanciado do CEP, apêndice 01, foi iniciada a coleta dos dados.

Ao aplicar a entrevista, foi necessário, primeiramente, que a pesquisadora explicasse os objetivos, os procedimentos, os riscos e os benefícios da pesquisa aos entrevistados, bem como foi solicitada a devida assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), apêndice 02, concordando com suas respectivas participações. A participação teve caráter voluntário, e as informações serão apenas divulgadas no meio acadêmico. Os dados foram agrupados e apresentados sem identificação individual dos participantes, a fim de evitar constrangimentos ou prejuízos de qualquer natureza, garantindo assim o anonimato.

5. PRINCIPAIS RESULTADOS

Esse capítulo vai demonstrar a análise dos dados coletados e, concomitantemente, as discussões dos resultados obtidos através da pesquisa de campo, bem como, descrever e caracterizar a população amostral considerada.

Em princípio, serão apresentadas as análises e discussões acerca das entrevistas com os moradores de casas populares participantes do Mutirão da Pintura do PMVM. Posteriormente, as análises das entrevistas e discussões relativas aos moradores de casas populares não participantes do Mutirão da Pintura do PMVM, para então, apresentar uma análise comparativa entre as respostas dos moradores de casas populares participantes e não participantes do Mutirão da Pintura do PMVM, assim como as discussões pertinentes. À luz dessas análises, pretende-se discutir os resultados encontrados para fazer um contraponto com as bases teóricas da pesquisa.

5.1. MORADORES DE CASAS POPULARES PARTICIPANTES DO MUTIRÃO DA PINTURA DO PMVM

5.1.1. Descrição e caracterização da amostra

A amostra de moradores de casas populares participantes do Mutirão da Pintura do PMVM, abordados nessa pesquisa, consistiu em treze entrevistados, cuja faixa etária vai de 26 a 65 anos, sendo um participante de 26 anos (7,7%), um de 35 anos (7,7%), dois com 60 anos ou mais (15,4%), quatro na faixa de 40 a 49 anos (30,8%) e 5 entrevistados entre 50 e 59 anos (38,5%), figura 18. Os respondentes desse grupo foram oito mulheres (61,5%) e cinco homens (38,5%), figura 19, cujo grau de escolaridade varia do não alfabetizado com dois respondentes (15,4%), três com o ensino fundamental entre 1º e 5º ano (23,1%), três com o ensino fundamental do 6º ao 9º ano (23,1%) e cinco respondentes com grau de escolaridade - ensino médio completo (38,5%), figura 20. Das treze pessoas desse grupo, cinco não têm renda (38,5), três são beneficiárias do programa do Governo Federal (23,1%), três recebem um salário-mínimo (23,1%) e dois recebem até dois salários-mínimos (15,4%), figura

21. Do total entrevistado desse grupo, apenas dois (15,4%) não são proprietários da casa popular objeto da pesquisa, figura 22.

Portanto, resumindo, a amostra consultada é formada em sua maioria por mulheres, proprietárias da casa popular objeto da pesquisa, com idade entre 50 e 59 anos, ensino médio completo, mas sem renda.

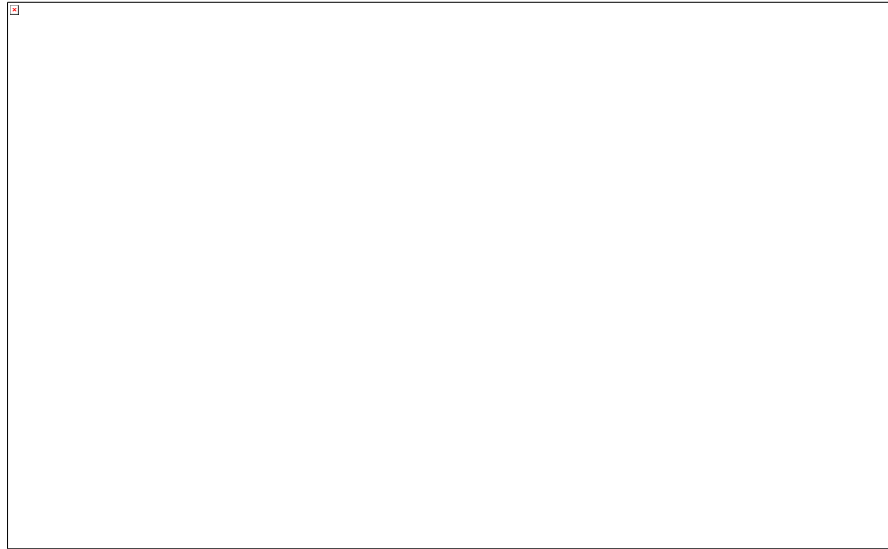


Figura 18: Gráfico de pizza com levantamento sociodemográfico sobre a faixa etária dos entrevistados, participantes do Mutirão da Pintura do PMVM.
Fonte: elaborado pela autora com a ferramenta google sheets.

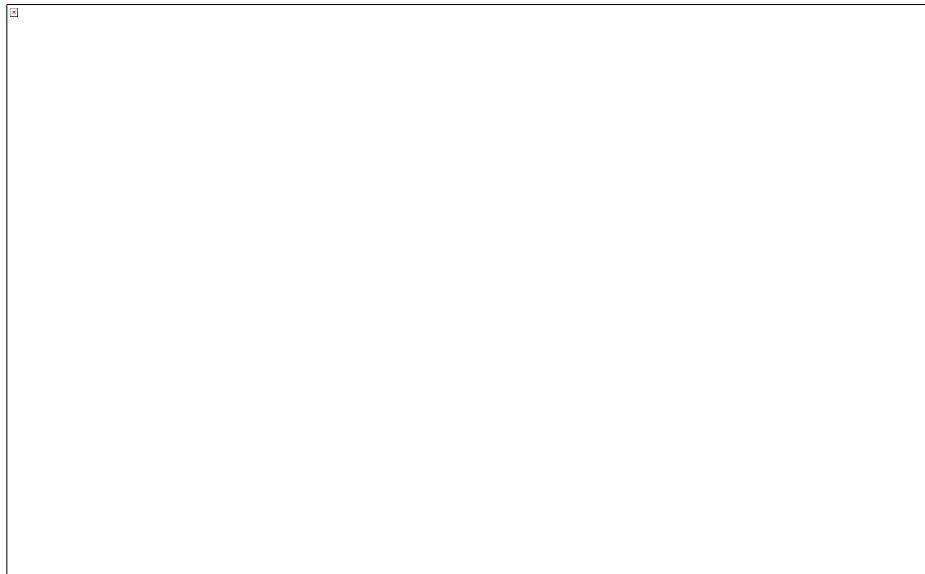


Figura 19: Gráfico de pizza com levantamento sociodemográfico sobre o gênero dos entrevistados, participantes do Mutirão da Pintura do PMVM.
Fonte: elaborado pela autora com a ferramenta google sheets.

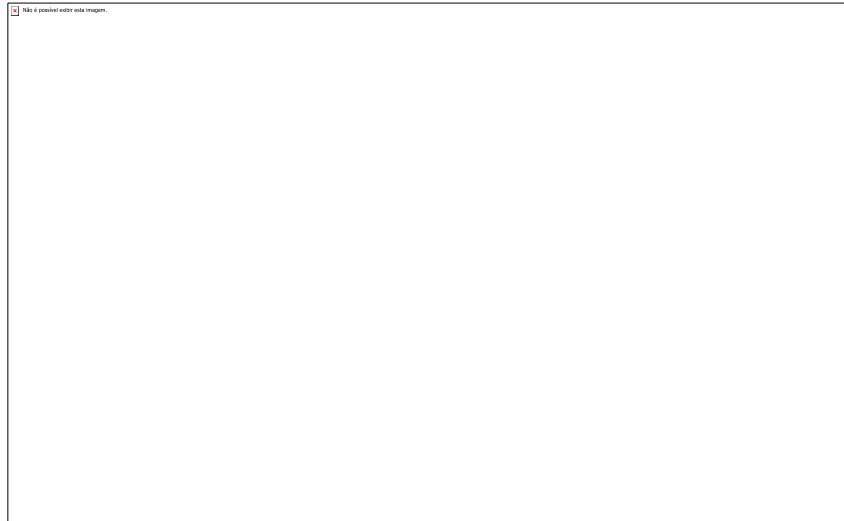


Figura 20: Gráfico de colunas com levantamento sociodemográfico sobre a escolaridade dos entrevistados, participantes do Mutirão da Pintura do PMVM.
Fonte: elaborado pela autora com a ferramenta google sheets.

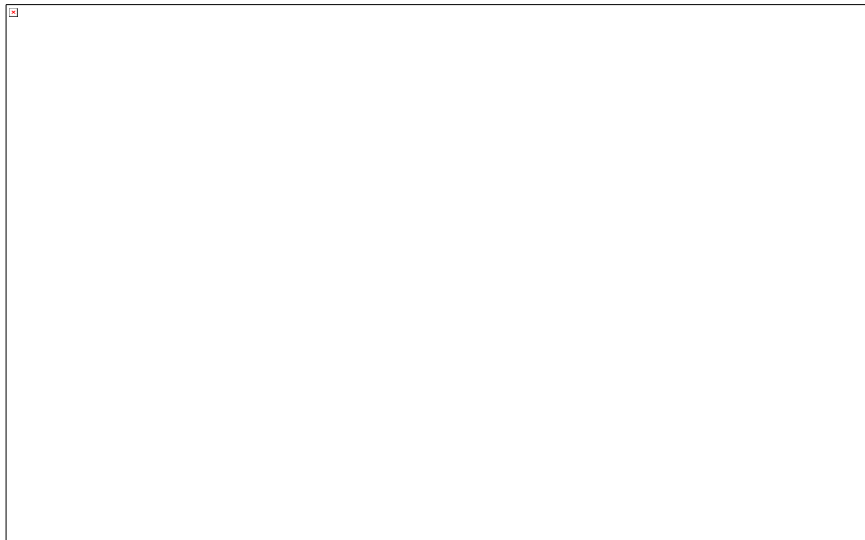


Figura 21: Gráfico de colunas com levantamento sociodemográfico sobre a renda dos entrevistados, participantes do Mutirão da Pintura do PMVM.
Fonte: elaborado pela autora com a ferramenta google sheets.

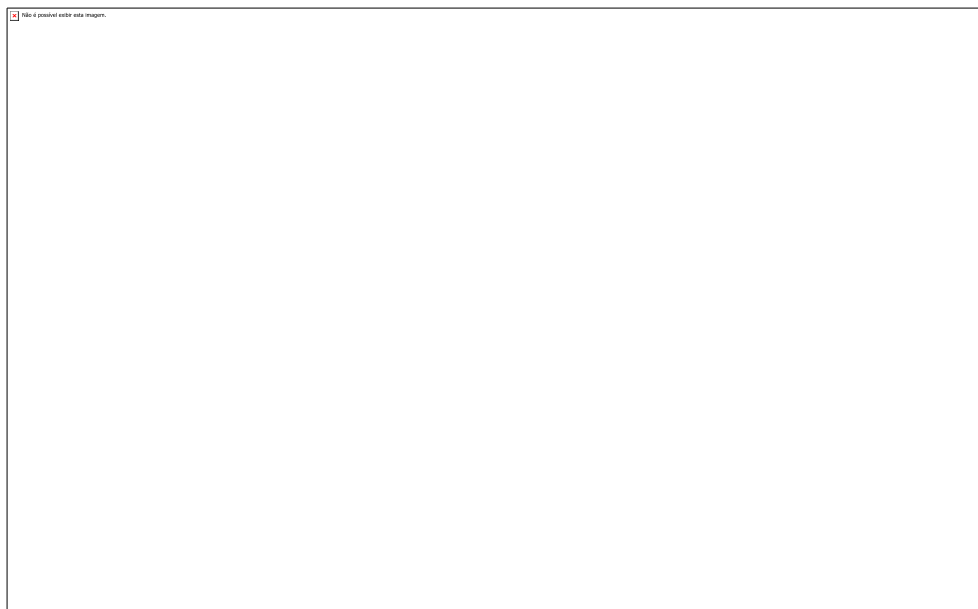


Figura 22: Gráfico de pizza com levantamento sobre a propriedade da casa popular dos entrevistados, participantes do Mutirão da Pintura do PMVM.
Fonte: elaborado pela autora com a ferramenta google sheets.

5.1.2. Cores que predominam em fachadas de casas populares e a motivação para essa decisão

As cores predominantes em fachadas de casas populares dos moradores entrevistados participantes do Mutirão da Pintura do PMVM, segundo suas respectivas respostas sobre a cor da parte de fora da sua casa, são o verde, com sete unidades apresentando seis matizes diferentes (53,8%), o amarelo com três unidades (23,1%), sendo duas tonalidades distintas, além do vermelho com duas nuances diferentes (15,4%) e o azul com uma unidade (7,7%), figura 23. Cabe registrar que foram considerados os sobrenomes da cor expressos pelos moradores entrevistados, tais como, verde cana, verde limão, verde abacate, ou simplesmente verde, independente das cores representarem um único matiz.

A clara predominância do matiz verde, quando 53,8% dos entrevistados escolheram essa cor para a pintura da fachada da sua casa, muito provavelmente, tem a ver com esperança, haja vista que um dos entrevistados, de forma indireta, tenha completado: "esperança em dias melhores". No livro de Heller (trad. 2019 p.111), ela argumenta que a ideia de a esperança ser verde tem a ver com a primavera, que significa renovação após um tempo de escassez. Não havendo, para a autora, cor desprovida de significado. A esperança como um sentimento de

abundância, também é relatado por Santos (2014) como significado psicológico da cor verde.

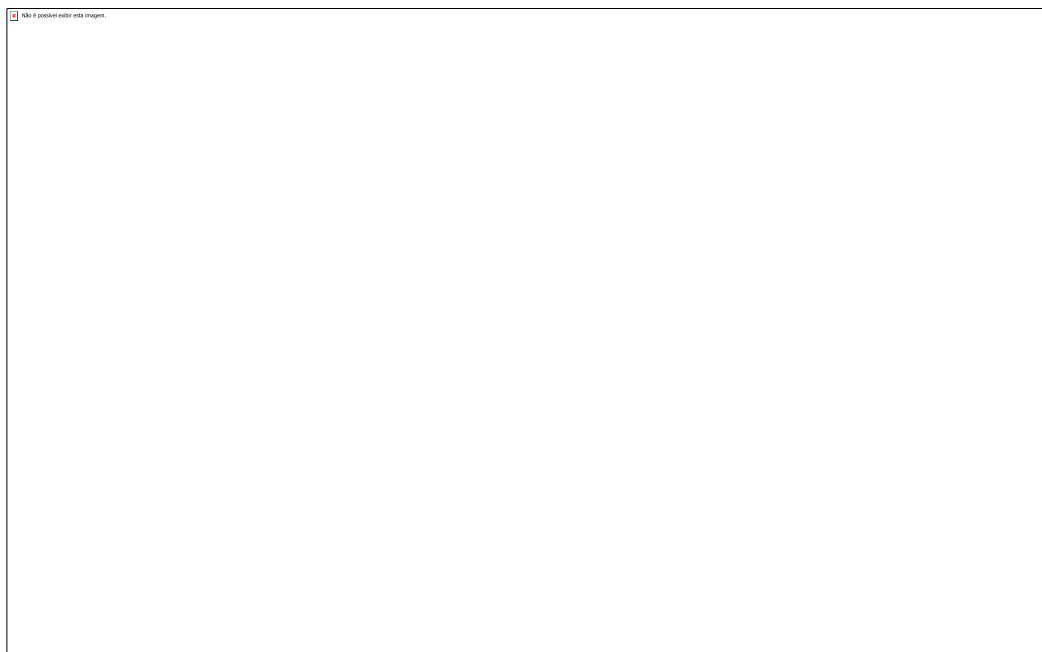


Figura 23: Gráfico de pizza com levantamento sobre a real situação da casa popular dos entrevistados, participantes do Mutirão da Pintura do PMVM.
Fonte: elaborado pela autora com a ferramenta google sheets.

Observando as tonalidades de verde das fachadas das casas populares participantes da pesquisa, percebemos que as de números 1, 2, 3 e 11, no Sistema Munsell, provavelmente teriam a mesma nomenclatura. No entanto, como o propósito da pesquisa é ouvir os usuários de casas populares e não os especialistas, foram consideradas as nomenclaturas escolhidas pelos moradores entrevistados, que respectivamente foram: verde cana, verde limão, verde e verde, figuras 24.a/c e 24.k. Ainda em relação aos sobrenomes das cores, a casa de número 4 é verde abacate, figura 24.d, a casa de número 5, figura 24.e, é nominada como rosa suave; a de número 6, figura 24.f, é verde; a de número 7, figura 24.g é azul celeste; a casa de número 8, figura 24.h, a pessoa entrevistada considera cor nude; a de número 9, figura 24.i, é amarelo canário. A casa de número 10, figura 24.j, foi denominada de verde bebê, enquanto as casas de números 12 e 13, figuras 24.l/m, são nas cores amarelo e amarelo canário.

Cabe aqui o registro da compatibilidade do que foi apurado na pesquisa com o que é encontrado na literatura sobre o extenso repertório dos nomes das cores, conforme destacado no subitem 2.1.1.p.38, dessa Dissertação.

Figura 24 – Fachadas das 13 casas populares, participantes do Mutirão da Pintura do PMVM,
Alto Nossa Senhora de Fátima, Bairro Vasco da Gama – Recife (PE) - Brasil

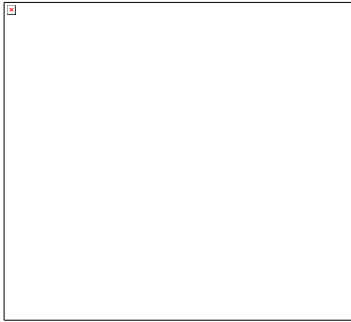


Figura 24.a

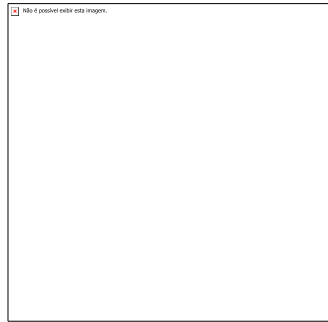


Figura 24.b

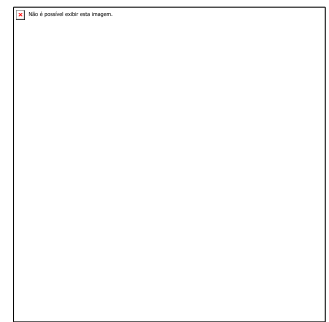


Figura 24.c

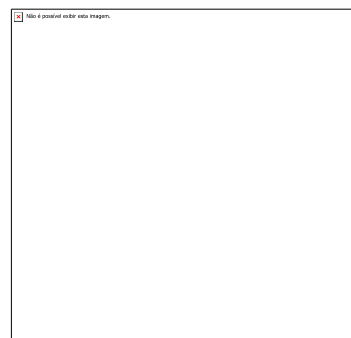


Figura 24.d

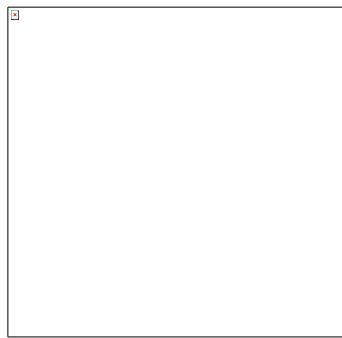


Figura 24.e

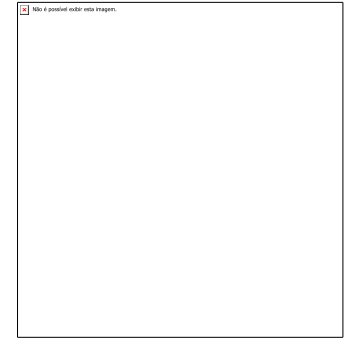


Figura 24.f



Figura 24.g

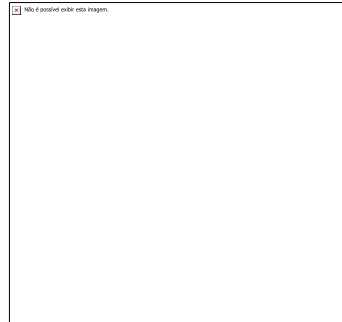


Figura 24.h

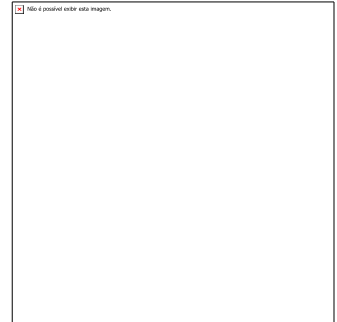


Figura 24.i

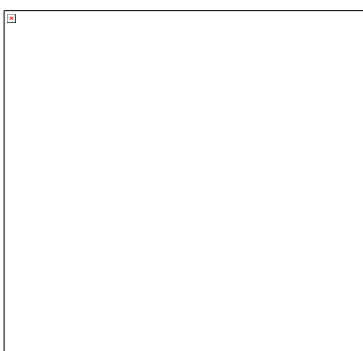


Figura 24.j

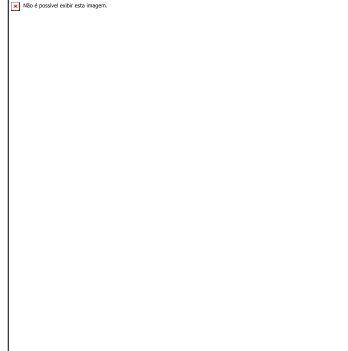


Figura 24.k



Figura 24.l

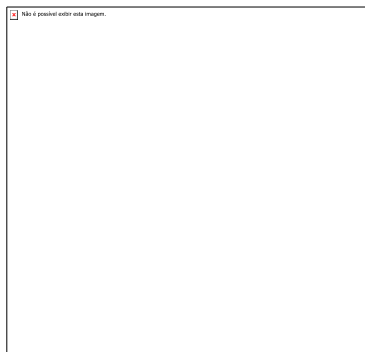


Figura 24.m

Fonte: Arquivo pessoal autora

Quanto à motivação que levaram os moradores de casas populares entrevistados a decidirem por aquelas cores para as suas fachadas, figura 25, três (23,1%) responderam que esperança, melhoria, prosperidade, fé e crença são motivações para a escolha da cor; três (23,1%) respondentes defenderam que o gosto, a vontade, o desejo, o agrado, a escolha, enfim, a preferência pela cor foram o que motivaram a decisão; outros três (23,1%) entrevistados se apoiaram na beleza, no encanto, na elegância da cor; dois (15,4%) moradores decidiram pela praticidade da cor, facilidade, simplicidade e comodidade. Enquanto um (7,7%) disse ter sido motivado pela cor escolhida ser sinônimo de riqueza, virtude, fortuna, além de um (7,7%) outro citar a alegria, a felicidade, a satisfação, o prazer e o bem-estar emanado pela cor. Tais respostas acompanham a literatura, conforme GUIMARÃES (2004), detalhada na Parte 1, Considerações Teóricas, dessa pesquisa e apresentada no Capítulo 2 dessa Dissertação (subitem 2.1.1., p.38/39). Santos (2014) corrobora com Guimarães (2004) ao elencar significados psicológicos das cores, listados nessa pesquisa no subitem 2.2.1., p.43.

A motivação para que os moradores das casas populares de números 1, 2, 3, 4, 6, 10 e 11 decidissem pela cor verde, em sua grande maioria, tem a ver com esperança, ainda que existam contradições e ambiguidades na medição das emoções humanas, e na resposta psicológica à cor, segundo OJO E KAYODE (2006).



Figura 25: Gráfico de colunas com levantamento sobre a motivação dos entrevistados, participantes do Mutirão da Pintura do PMVM, para a escolha da cor da fachada.
Fonte: elaborado pela autora com a ferramenta google sheets.

Seguem alguns comentários sobre o porquê da escolha da cor pelos participantes da pesquisa que foram contemplados com a tinta, através do PMVM, para a pintura da fachada da sua casa:

- *“Quis mudar porque gosto de mudar. Gosto da mata e quis homenagear Juma Marruá”* (personagem de ficção da novela Pantanal);
- *“Sempre pinto verde ou azul, pois representam o mar e o céu e me traz esperança”;*
- *“Lembro da minha infância, do sítio, dos pássaros e das plantas. Gosto muito da natureza”;*
- *“Gosto de cor vibrante”;*
- *“Minha mãe estava hospitalizada e o verde pra mim significa esperança”;*
- *“Minha casa sempre foi branca, mas achei tão bonita a rua colorida e resolvi pintar minha casa de azul. Me fez me sentir melhor, me trouxe alegria. Sento-me aqui e fico contemplando. Agora só pinto dessa cor”;*
- *“Pra mim essa cor representa o que quero, ouro, riqueza, coisas boas...estou amando”;*

- *“Essa cor é a cor da esperança...esperança em dias melhores”; e*
- *“Remete à minha infância...meu quarto era amarelo quando eu era criança e a cor amarela expressa um sentimento muito forte”;*

As citações revelam que não há como afirmar que “a cor a, b, ou c, significa isso ou aquilo, apenas indicam uma forma de conhecê-la, com toda sua riqueza cultural”, Baitello Junior (1997 apud GUIMARÃES, 2004).

5.1.3. Preferência cromática em fachadas de casas populares

A preferência cromática em fachadas de casas populares no Alto Nossa Senhora de Fátima, considerada a verificação in loco da pesquisadora ao caminhar pelo ambiente construído em análise, é o verde em matizes variados. No entanto, nas entrevistas com os moradores de casas populares participantes do Mutirão da Pintura do PMVM, ou seja, aqueles moradores que receberam a tinta para a pintura das suas respectivas fachadas, é possível afirmar que houve uma dose de ousadia na escolha das cores para a pintura da sua fachada por ocasião da chegada do PMVM na comunidade, visto que predominam os diversos tons de verde, seguidos pelas nuances de vermelho (voltados para a cor de rosa), de amarelo e de azul. Não há registro de casas populares brancas, pós o PMVM no perímetro da intervenção do Mutirão da Pintura. Tal situação pode estar ligada ao fato de o latão de tinta ser mais oneroso do que uma pintura de cal branca, ou porque ao receber a tinta, o morador tenha sentido vontade de ousar, ou simplesmente porque toda a comunidade estava colorindo a própria fachada, tenha influenciado a vizinhança, como dito por uma moradora por ocasião da pesquisa piloto. CAVALCANTE e ELALI (2017) ratificam a importância de se compreender a construção de significados e comportamentos inerentes aos diversos espaços de vivência, suas respectivas modificações e consequências na relação pessoa – ambiente.

Necessário registrar que de acordo com as respostas à pergunta sobre qual era a cor da fachada da sua casa antes do Programa Mais Vida nos Morros, o resultado sobre a preferência cromática em fachadas de casas populares no Alto Nossa Senhora de Fátima seria o branco, figura 26, pois dentre os treze respondentes, cinco (38,5%) afirmaram ser o branco a cor da fachada da casa antes do Mutirão da Pintura, enquanto apenas três (23,1%) disseram ter suas fachadas na cor verde

anteriormente. Três (23,1) responderam ser suas respectivas fachadas na cor amarela e duas (15,4%) pessoas tinham as fachadas da casa na cor azul.

Portanto, antes da intervenção do programa, grande parte dos entrevistados mantinham suas fachadas pintadas de branco (38,5%), talvez pelo custo da manutenção (basta uma mão de cal) ou mesmo pela repetição de comportamento da vizinhança.

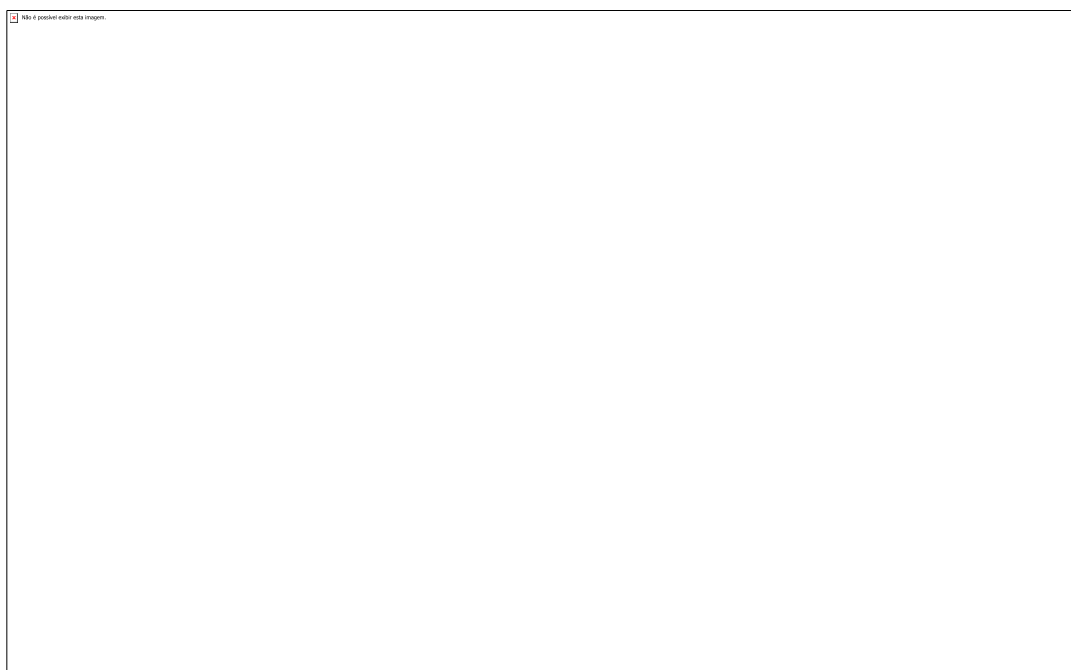


Figura 26: Gráfico de pizza com levantamento sobre a cor da fachada das casas populares, participantes do Mutirão da Pintura do PMVM, antes da intervenção.
Fonte: elaborado pela autora com a ferramenta google sheets.

5.1.4. Significados que as cores escolhidas transmitem para os moradores participantes da pesquisa

Com a finalidade de categorizar os significados expressos pelos moradores entrevistados que participaram do Mutirão da Pintura, a pesquisadora, utilizando o site <https://www.sinonimos.com.br/>, obteve o seguinte resultado, quatro moradores (30,8%) responderam que o significado da cor escolhida é esperança, melhoria, prosperidade, fé, crença; dois (15,4%) entendem que natureza, vitalidade e vida são os significados da cor escolhida para as respectivas fachadas das suas casas; os outros seis que responderam que a cor escolhida era a que eles desejavam, citaram grupos de significados diversos, conforme a figura 27.



Figura 27: Gráfico de colunas com levantamento sobre o significado da cor escolhida pelos entrevistados, participantes do Mutirão da Pintura do PMVM, para a fachada da casa popular.
Fonte: elaborado pela autora com a ferramenta google sheets.

A figura 28 traz informações sobre o que cada cor escolhida representa para os moradores participantes da pesquisa, corroborando com os resultados sobre os efeitos, muitas vezes contraditórios, que cada cor pode produzir, dependendo da ocasião (HELLER, 2000). Se para um morador, o verde cana representa a alegria e a felicidade, para um outro morador a alegria e a felicidade são representadas pelo amarelo canário. Analisando os efeitos que cada cor escolhida traz para os moradores participantes do Mutirão da Pintura do PMVM, temos três pessoas (23,1%) que citaram a esperança, assim como outras três (23,1%) citaram o encantamento, a contemplação, o sentimento e a emoção. Dois entrevistados (15,4%) relataram a felicidade e a alegria que as cores escolhidas transmitem a eles, enquanto outros dois (15,4%) descreveram a infância e a criança. Mais dois (15,4%) registraram a escolha, o desejo e a vontade como o porquê da satisfação em escolher aquelas cores para as respectivas fachadas. E apenas um respondente (7,7%) citou palavras como vibrante, intensa, viva, forte e impactante. Portanto, segundo Farina *et al.* (2011), explicar a cor não é uma tarefa fácil, visto que está intrinsicamente relacionada com nossos

sentimentos, ao mesmo tempo em que sofre influências de aspectos sociais baseados em cultura, símbolo, experiências vividas, além dos aspectos fisiológicos.

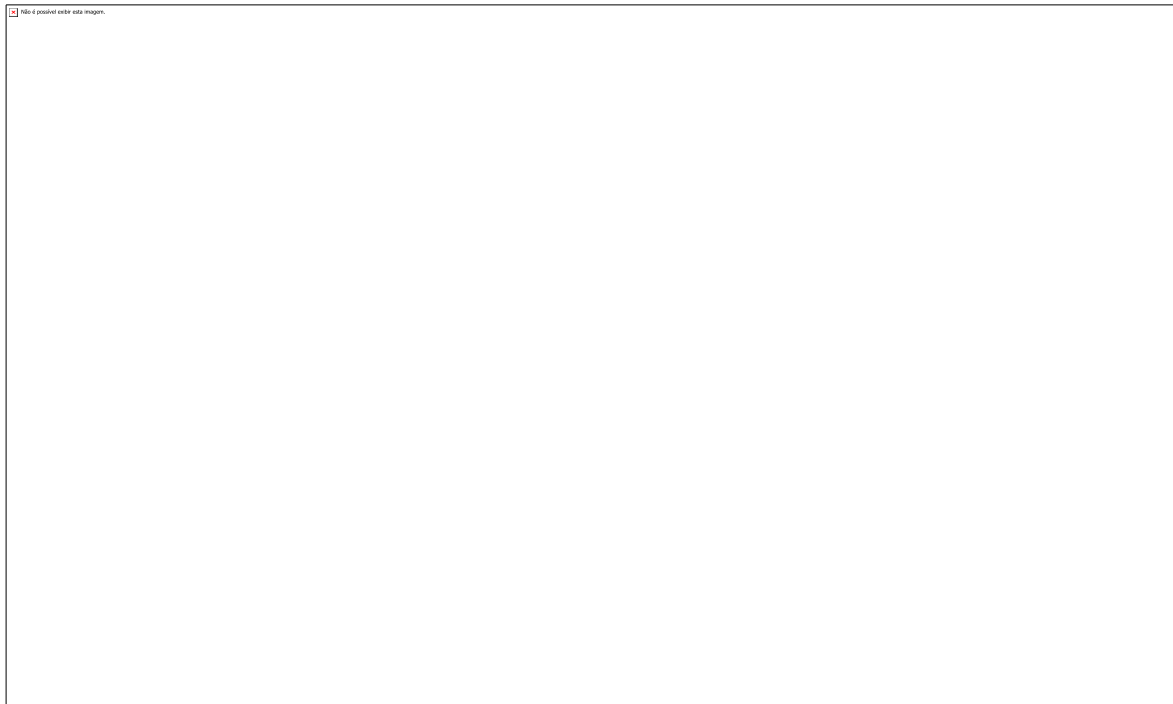


Figura 28: Gráfico de colunas com levantamento sobre o porquê da satisfação dos entrevistados, participantes do Mutirão da Pintura do PMVM, com a cor escolhida para a fachada da casa popular.
Fonte: elaborado pela autora com a ferramenta google sheets.

No que diz respeito aos significados que as cores escolhidas transmitem para esses moradores participantes da pesquisa, há de se registrar uma curiosidade. A moradora da casa 5 havia escolhido a cor azul para a fachada da sua casa, mas como a quantidade de tinta não foi suficiente para a conclusão da pintura, a cor escolhida passou a ser a cor “rosa cheguei” e posteriormente foi substituída pela cor “rosa suave”, figuras 29.a/b. Assim, as respostas iniciais, da entrevista da moradora da casa 5, se referiram a cor azul: “combina com a natureza”, enquanto as duas últimas respostas fazem referência à cor rosa: “lembra uma escolinha, uma igrejinha, como dizem as crianças quando passam por aqui – me lembrando minha infância”.

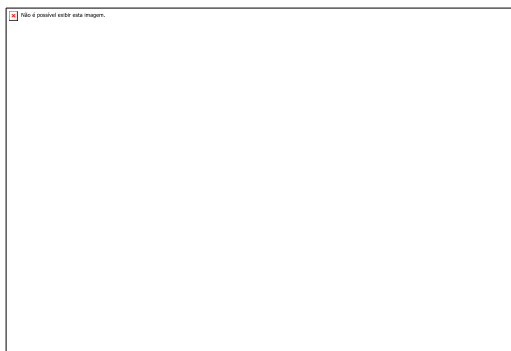


Figura 29.a.



Figura 29.b.

Casa 5 - participante do Mutirão da Pintura do PMVM.
 Alto Nossa Senhora de Fátima, Bairro Vasco da Gama, Recife (PE), Brasil.
 Fonte: Arquivo pessoal autora

Na sequência, os significados mais falados foram a esperança, a melhoria, a prosperidade, a fé, a crença, a natureza, a vitalidade e a vida; todos relacionados a moradores que escolheram tons de verde para a fachada das suas casas. Ainda como registros de significados das cores, foram citados: recordação, lembrança, pensamento, presença, visibilidade, diferencial, gosto, vontade, preferência, agrado, escolha, desejo, riqueza, fortuna, ouro, poder, infância, carinho, ternura, aconchego, harmonia, além de “sem significado especial”. Nesse último caso, o achado diverge de diversos autores (HELLER, 2000; GUIMARÃES, 2004; BARROS, 2006; LONG, 2011; FARINA, 2011), conforme exposto no subitem 2.1.1., p.37. No entanto, para a pesquisadora, o morador entrevistado, visivelmente, não estava interessado em contribuir com a pesquisa, apesar de ter aceitado participar.

5.1.5. Conexão entre definição/caracterização da amostra e preferência cromática apuradas

Não há conexão perceptível entre definição/caracterização da amostra e preferência cromática apuradas, visto que dos 13 moradores participantes da pesquisa, com idades de 26, 40, 44, 48, 52, 55 e 58 anos escolheram a cor verde em suas diversas tonalidades. Pessoas de 35, 45 e 60 anos, decidiram pela cor amarela para a fachada da sua casa. As nuances de vermelho foram escolhidas por respondentes de 51 e 59 anos e o azul por uma pessoa de 65 anos. Quanto ao gênero, dos 8 respondentes do sexo feminino, 4 escolheram a cor verde, 2 amarela, 2 pessoas optaram por tonalidades de vermelho. Enquanto 5 respondentes do sexo masculino, 3 optaram pelo verde, 1 pelo azul e 1 pelo amarelo. Levando em conta a escolaridade,

também não há conexão entre definição/caracterização da amostra e preferência cromática apuradas, uma vez que 4 respondentes com ensino médio escolheram o matiz verde e 1 respondente com ensino médio escolheu o amarelo. Das duas pessoas não alfabetizadas, uma escolheu o verde e a outra o amarelo. Dos três entrevistados com ensino fundamental (6º ao 9º ano), um escolheu o verde, outro uma nuance do vermelho e outro azul. Com ensino fundamental (1º ao 5º ano), três pessoas escolheram amarelo, verde e vermelho. A mesma leitura sobre se há conexão entre renda e preferência cromática foi realizada sem que se registre qualquer relação, visto que os dois entrevistados com renda até 2 salários-mínimos escolheram o verde, os três beneficiários do programa do Governo Federal também escolheram o verde, enquanto as cinco pessoas sem renda fizeram a opção pelo verde (2), pelo vermelho (2) e uma pessoa pelo amarelo. Já as 2 pessoas que ganham um salário-mínimo escolheram o amarelo, não demonstrando qualquer conexão da renda com a escolha das cores, talvez por ser uma amostra pequena ou mesmo uma provável interferência das escolhas dos vizinhos no momento do Mutirão da Pintura.

Portanto, utilizando quaisquer dos levantamentos sociodemográficos, não foi possível relacioná-los com as cores escolhidas. No entanto, para Heller (2000), em seu livro, *A psicologia das cores*, resultado de uma pesquisa onde foram consultadas duas mil pessoas de diversas profissões na Alemanha, houve uma predileção inequívoca pelo azul, verde, vermelho, preto e amarelo. Sendo o azul, a cor predileta de 46% dos homens e 44% das mulheres. Para a autora, p.19 da 1ª edição (2019) do livro citado, os acordes cromáticos, em termos estatísticos, são absolutamente confiáveis.

Também cabe registrar que o fato de o morador entrevistado não ser proprietário da casa popular, cuja fachada foi pintada por ocasião do Mutirão da Pintura do PMVM, não alterou a escolha das cores, pois apurou-se que ambos os imóveis alugados tiveram suas cores alteradas de azul para amarelo e de branca para verde.

5.2. MORADORES DE CASAS POPULARES NÃO PARTICIPANTES DO MUTIRÃO DA PINTURA DO PMVM

5.2.1. Descrição e caracterização da amostra

Quanto à amostra de moradores de casas populares não participantes do Mutirão da Pintura, ou seja, cujas tintas foram adquiridas às suas próprias expensas, foi composta de nove entrevistados, com faixa etária, figura 30, que engloba moradores dos 37 aos 71 anos, sendo dois participantes (22,2%) com idade entre 30 e 39 anos, três (33,3%) com idade dos 50 aos 59 anos e quatro respondentes (44,4%) com 60 anos ou mais. Esse grupo consistiu em oito mulheres (88,9%) e apenas um homem (11,1%), figura 31, cuja escolaridade, figura 32, vai dos primeiros anos do ensino fundamental até o ensino médio, sendo quatro (44,4%) deles com o ensino médio, três (33,3%) com ensino fundamental do 1º ao 5º ano e dois (22,2%) com ensino fundamental do 6º ao 9º ano. Sobre a renda dos entrevistados, não contemplados com as tintas doadas pelo PMVM, figura 33, quatro (44,4%) são beneficiários do programa do Governo Federal, três (33,3%) recebem um salário-mínimo e dois (22,2%) recebem até dois salários-mínimos. Dos nove entrevistados desse grupo, oito são proprietários dos imóveis (88,9%), figura 34.

Portanto, sintetizando, a amostra desse grupo entrevistado é formada, predominantemente, por mulheres, proprietárias da casa popular objeto da pesquisa, com 60 anos ou mais, com ensino médio completo, beneficiária do programa do Governo Federal.

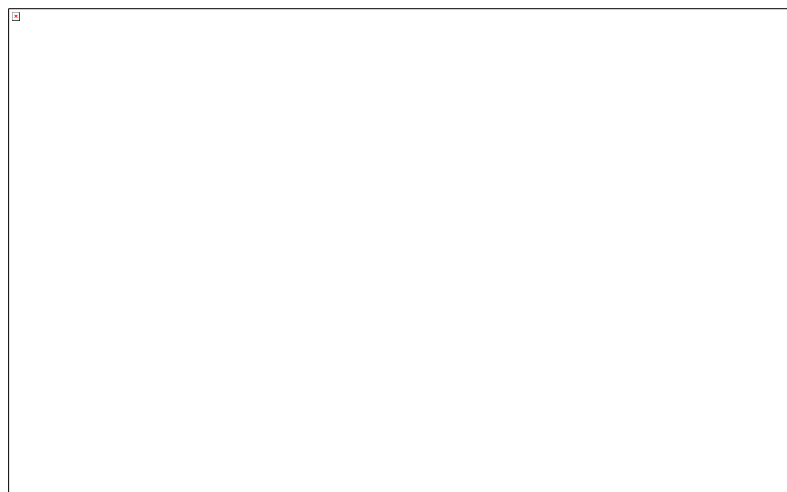


Figura 30: Gráfico de pizza com levantamento sociodemográfico sobre a faixa etária dos entrevistados, não participantes do Mutirão da Pintura do PMVM.
Fonte: elaborado pela autora com a ferramenta google sheets.

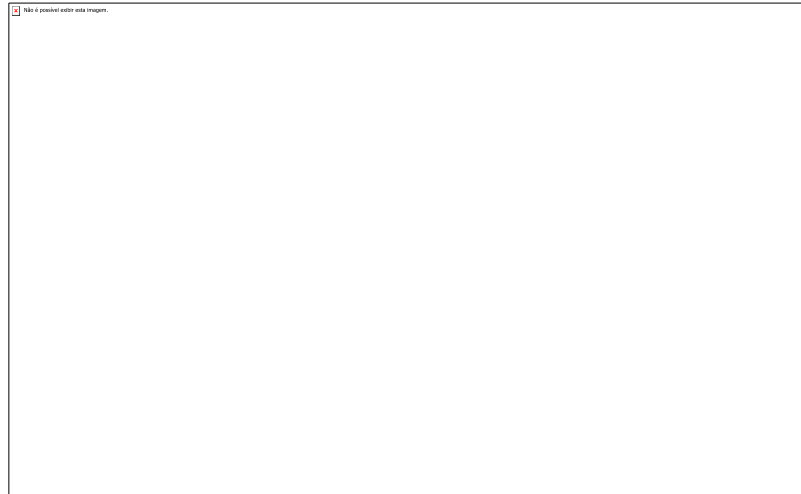


Figura 31: Gráfico de pizza com levantamento sociodemográfico sobre o gênero dos entrevistados, não participantes do Mutirão da Pintura do PMVM.
Fonte: elaborado pela autora com a ferramenta google sheets.

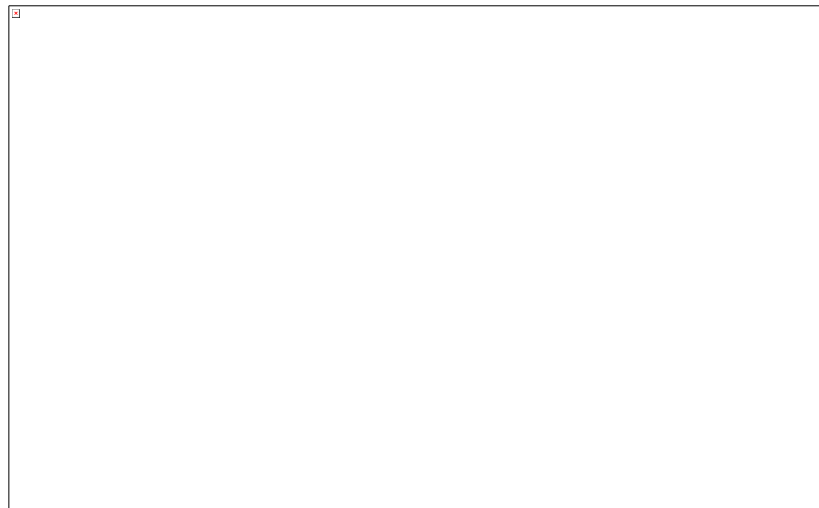


Figura 32: Gráfico de colunas com levantamento sociodemográfico sobre a escolaridade dos entrevistados, não participantes do Mutirão da Pintura do PMVM.

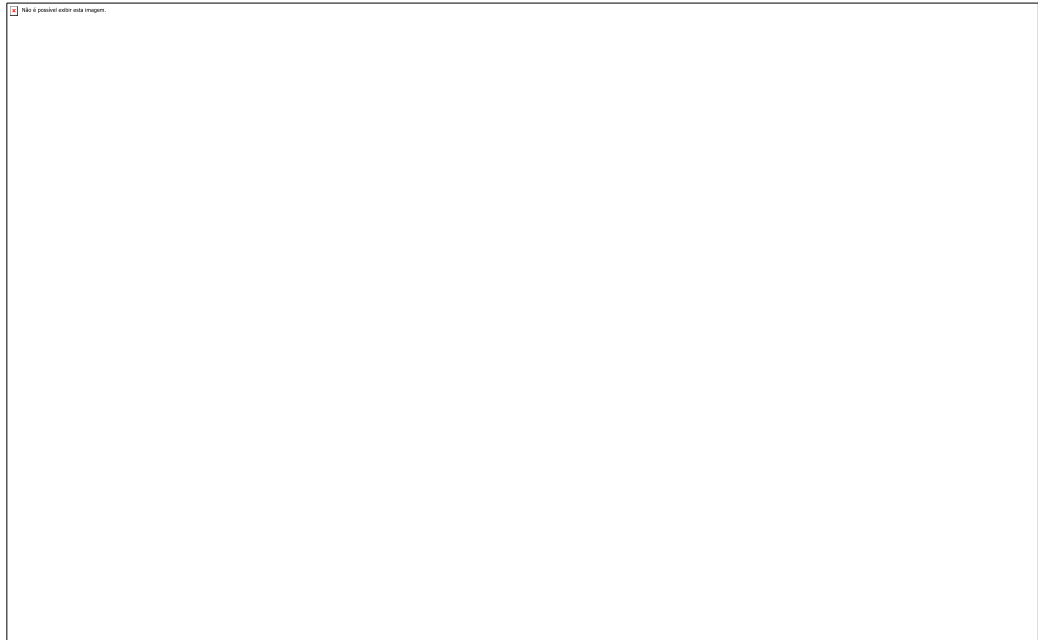


Figura 33: Gráfico de colunas com levantamento sociodemográfico sobre a renda dos entrevistados, não participantes do Mutirão da Pintura do PMVM.
Fonte: elaborado pela autora com a ferramenta google sheets.

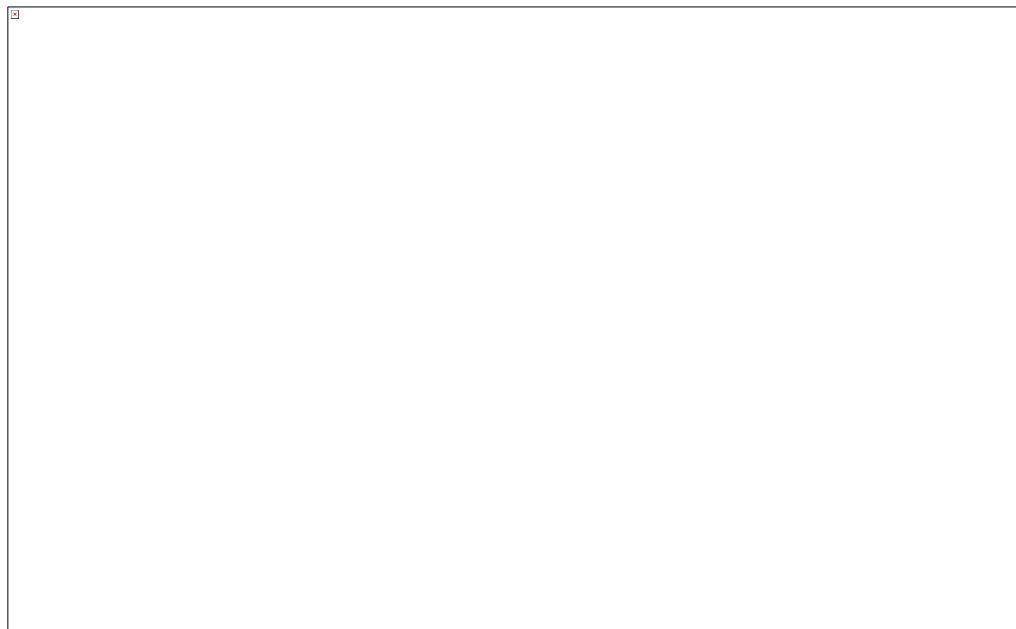


Figura 34: Gráfico de pizza com levantamento sobre a propriedade da casa popular dos entrevistados, não participantes do Mutirão da Pintura do PMVM.
Fonte: elaborado pela autora com a ferramenta google sheets.

5.2.2. Cores que predominam em fachadas de casas populares e a motivação para essa decisão

No grupo dos moradores não participantes do mutirão da pintura, figura 35, dos nove respondentes, três (33,3%) escolheram tons de verde, quatro se dividiram entre matizes vermelhos, salmão e nude (22,2%) e o branco (22,2%), um entrevistado (11,1%) decidiu pelo azul e um outro (11,1%) pelo laranja. Esclarecendo que os tons de verde também variaram.

A amostra com nove entrevistados, cujas fachadas foram pintadas às suas próprias expensas, constatou que não há predominância de cores, pois dentre eles as escolhas foram 3 verdes, 2 brancas, 2 vermelhas, 1 azul e 1 laranja. Importante notar que antes do PMVM, dessas 9 fachadas, 5 eram pintadas de verde, 2 de azul e 2 de branco, sinalizando que há uma predisposição em relação à escolha do matiz verde para a pintura da fachada da casa popular. É certo que essa afirmação carece de mais estudos e principalmente de uma amostra mais robusta. No entanto, para HELLER (2000), o verde é a cor preferida por 16% dos homens e por 15% das mulheres, sendo mais apreciado à medida que a idade avança, (HELLER, 2019, p105).

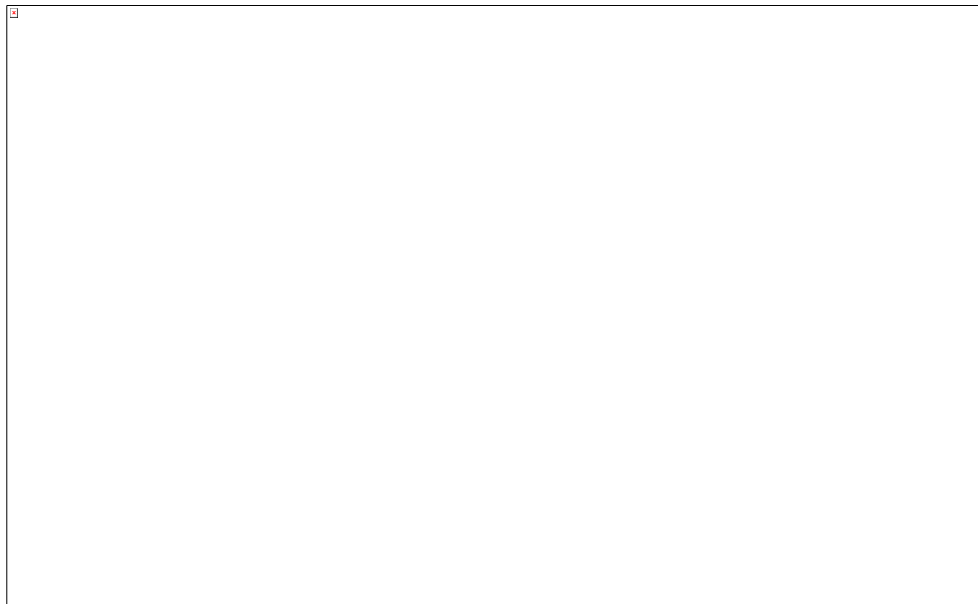


Figura 35: Gráfico de pizza com levantamento sobre a real situação do imóvel.
Fonte: elaborado pela autora com a ferramenta google sheets.

Seguem as imagens das fachadas das casas populares, figuras 36.a/i, que estão localizadas fora do perímetro de intervenção física do PMVM, mas que também fizeram parte da pesquisa objetivando avaliar a percepção dos moradores sobre o uso da cor em fachadas de casas populares, independentemente de terem sido contemplados com os latões de tinta doados pela parceria público-privada da Prefeitura da Cidade do Recife e as Tintas Coral.

Da mesma forma que os moradores contemplados com as tintas, por ocasião do Mutirão da Pintura do PMVM, esse grupo também utiliza sobrenomes nas cores, tais como verde piscina, verde limão, azul céu, verde escuro, laranja forte, objetivando diferenciá-las. Esse apurado corrobora com os postulados teóricos, segundo GUIMARÃES (2004), expostos no subitem 2.1.1., p.38.

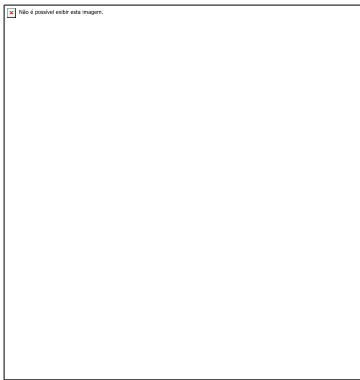


Figura 36.a

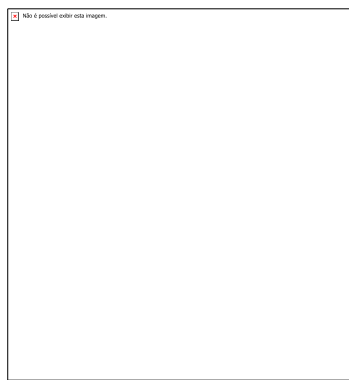


Figura 36.b

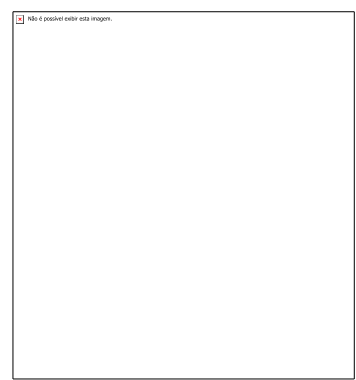


Figura 36.c

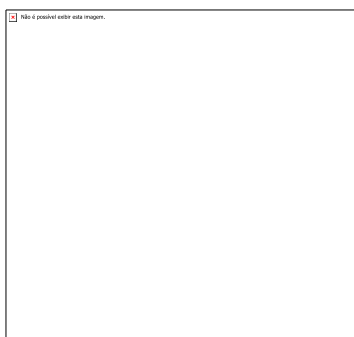


Figura 36.d



Figura 36.e

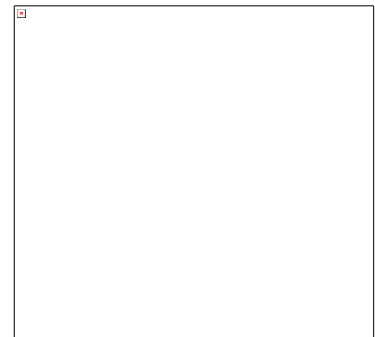


Figura 36.f



Figura 36.g

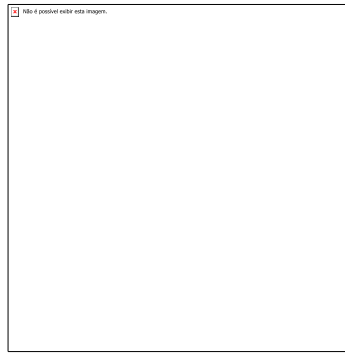


Figura 36.h

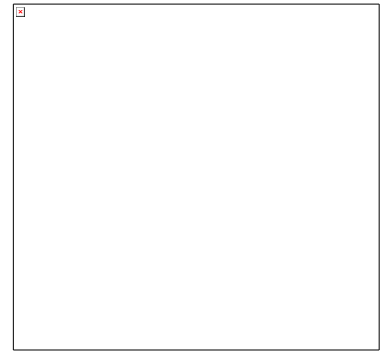


Figura 36.i

Figura 36.a/i: Fachadas de 9 casas populares não participantes do Mutirão da Pintura do PMVM
 Alto Nossa Senhora de Fátima Vasco da Gama – Recife (PE) - Brasil.
 Fonte: Arquivo pessoal autora

A motivação para a decisão das cores escolhidas, figura 37, em sua grande maioria (55,6%) totalizando cinco entrevistados, foi baseada no gosto, na vontade, na escolha, no desejo, no agrado, na preferência, enquanto dois (22,2%) responderam que a felicidade, a simplicidade, a comodidade e a praticidade os fizeram optar por aquelas cores. Um respondente (11,1%) alegou que o fato de a cor escolhida ser brilhante, chamativa e vistosa, o fez decidir por ela. Ficando mais um (11,1%) entrevistado motivado pela alegria, encanto e agradabilidade da cor. Segundo SARGENT (1964), os matizes não precisam ser opacos para serem agradáveis, o que para a pesquisadora corrobora com a ousadia em utilizar as cores para chamar a atenção, como enfatizado pela moradora da casa de número 7, figura 36.g.



Figura 37: Gráfico de colunas com levantamento sobre a motivação dos entrevistados, não participantes do Mutirão da Pintura do PMVM para a escolha da cor da fachada.

Fonte: elaborado pela autora com a ferramenta google sheets.

Seguem alguns comentários sobre o porquê da escolha da cor pelos participantes da pesquisa que não foram contemplados com a tinta, através do PMVM, para a pintura da fachada da sua casa:

- *“Porque gosto. Simplesmente gosto”;*
- *“Pela facilidade dos retoques...”;*
- *“Porque gosto do campo”;*
- *“Me traz paz. Eu gosto de sentir paz”;*
- *“Primeiro porque gosto. Clareia. Combina com tudo e ainda é mais barato manter pintada...pinto com cal”;*
- *“Porque tinha de sobra aqui em casa”;*
- *“Traz impacto. Chama a atenção. Todo mundo sabe onde fica a casa laranjada”;*
- *“Para mudar. Gosto da cor, é uma cor viva”;* e
- *“Gosto da cor”.*

Analisando as citações acima, justifica-se compreender a construção de significados e comportamentos das pessoas, conforme exposto no item 2.2. da Parte 1 – Considerações Teóricas, dessa Dissertação, p.39.

5.2.3. Preferência cromática em fachadas de casas populares

A preferência cromática em fachadas de casas populares, não participantes do Mutirão da Pintura do PMVM, no Alto Nossa Senhora de Fátima, identificada pela presente pesquisadora, por ocasião da pesquisa de campo é o branco. Muitas fachadas já se encontravam com a pintura muito desgastada, outras fachadas se mantinham no reboco e algumas no tijolo (aparente). No entanto, não é possível afirmar que o branco seja a escolha pelo custo da cal, como dito por uma moradora entrevistada. Até porque, antes da intervenção do PMVM, a preferência cromática nesse grupo era o matiz verde, com cinco fachadas (55,6%), seguidas pelo branco e pelo azul, ambos com duas (22,2%) preferências/cada.

Também vale o registro que o colorido anterior ao Mutirão da Pintura se resumia a apenas três cores (verde, azul e branco), figura 38, não sendo possível detectar ao certo, o motivo de tão poucos matizes, mas é provável que as cores utilizadas fizessem parte de sobras de pinturas anteriores, como registrado por uma moradora que não foi contemplada com a tinta pelo PMVM. Para a pesquisadora, são diversas as motivações que interferem nas preferências cromáticas em fachadas de casas populares, porém ficou evidente a questão financeira, quando alguns dos moradores relataram que seria muito bom que a doação de tintas acontecesse “sempre e para todos”.

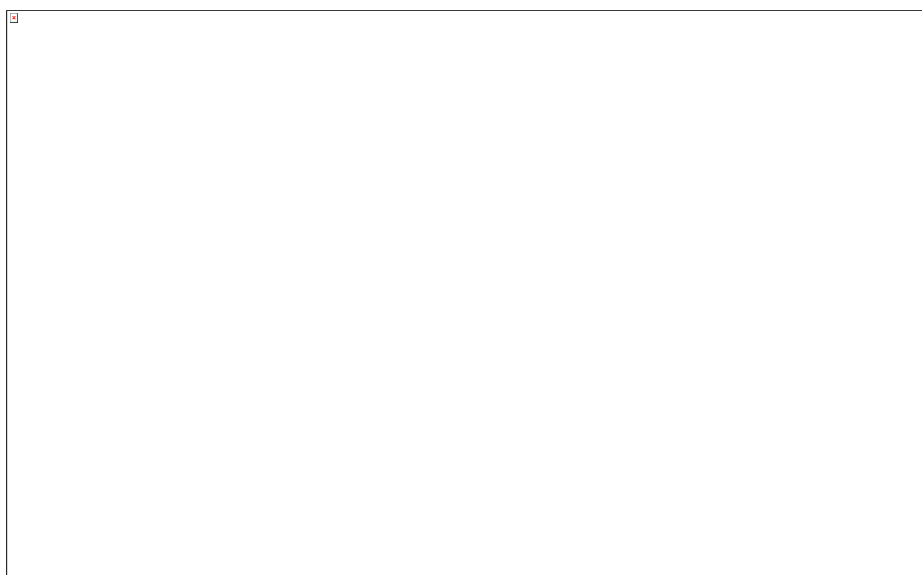


Figura 38: Gráfico de pizza com levantamento sobre a cor da fachada das casas populares, não participantes do Mutirão da Pintura do PMVM, antes da intervenção.

Fonte: elaborado pela autora com a ferramenta google sheets.

5.2.4. Significados que as cores escolhidas transmitem para os moradores participantes da pesquisa

Os significados transmitidos pelas cores escolhidas e apontados pelos moradores de casas populares que não participaram do Mutirão da Pintura do PMVM foram amplos e distintos. Coincidiram apenas dois entrevistados que com a escolha de cores diferentes (laranja forte e salmão), alegaram que as cores escolhidas transmitem presença, visibilidade e diferencial. Os demais entrevistados citaram, esperança, melhoria, prosperidade, fé, crença, infância, carinho, ternura, aconchego, harmonia, recordação, lembrança, pensamento, natureza, vitalidade, vida, gosto, vontade, preferência, agrado, escolha e desejo, além de não haver significado especial.

No que se refere aos significados que as cores escolhidas transmitem para os moradores participantes da pesquisa, e que adquiriram a tinta para a pintura da sua fachada com recursos próprios, os significados lembrados se assemelham às do outro grupo, mas sem que haja relação com a cor. Dos nove entrevistados dois responderam que a cor chamava a atenção, dava visibilidade e era um diferencial (as cores no caso, eram salmão e laranja). Todos os outros respondentes, deram significados diversificados, tais como, gosto, nada em especial, lembranças do passado, esperança, harmonia, homenagem à mãe e alegria, figura 39.

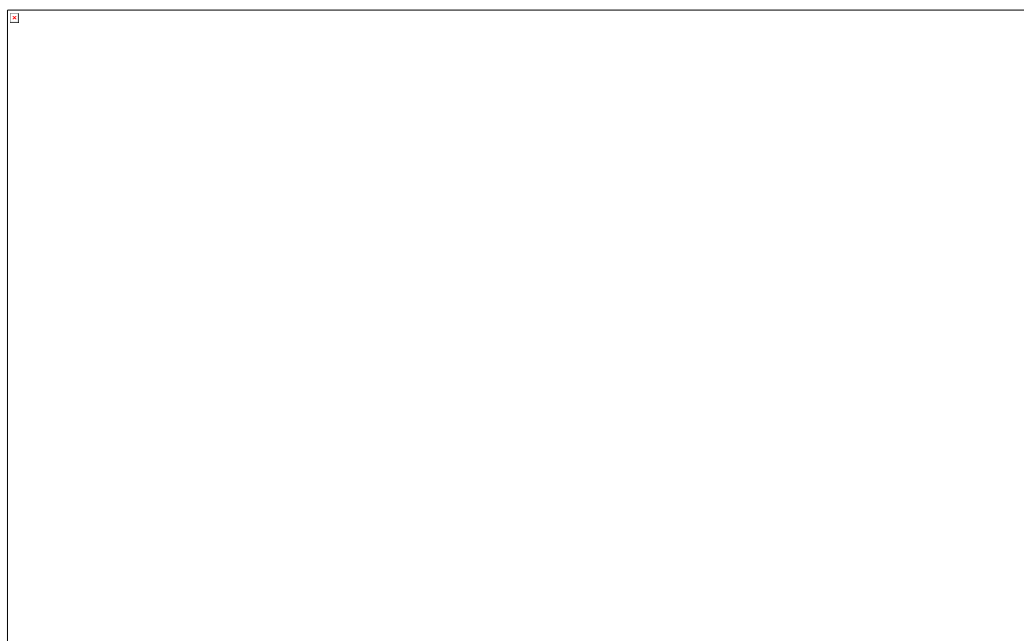


Figura 39: Gráfico de colunas com levantamento sobre o significado da cor escolhida pelos entrevistados, não participantes do Mutirão da Pintura do PMVM, para a fachada da casa popular.
Fonte: elaborado pela autora com a ferramenta google sheets.

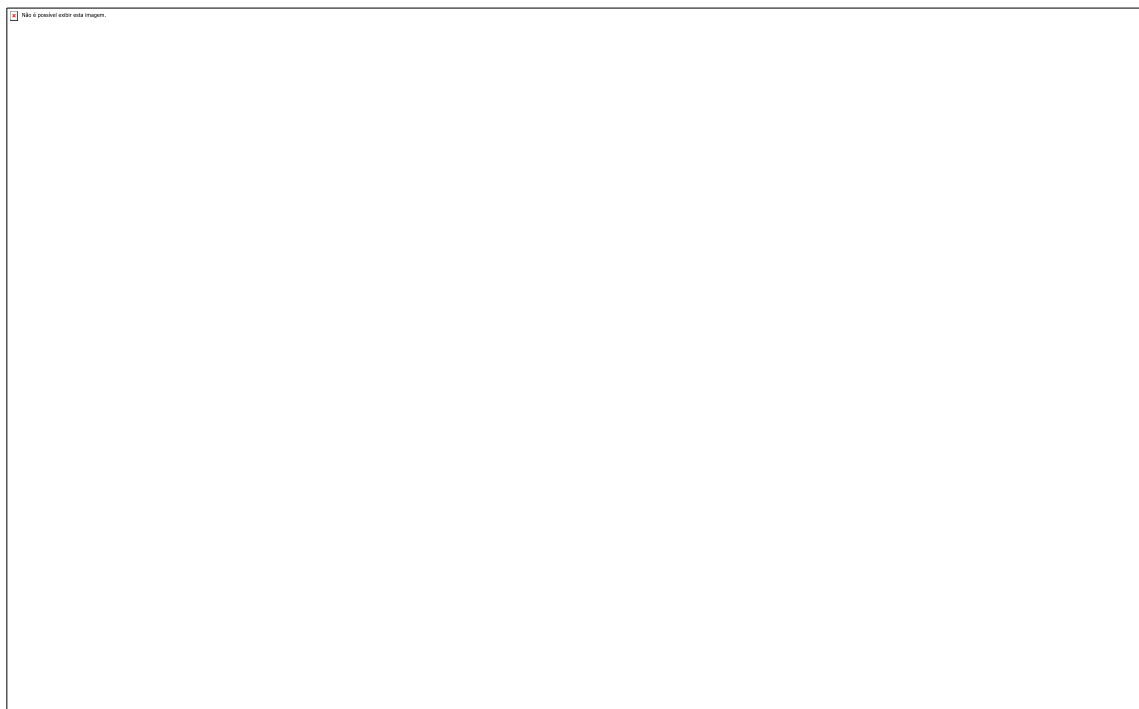


Figura 40: Gráfico de colunas com levantamento sobre o porquê da satisfação dos entrevistados, não participantes do Mutirão da Pintura do PMVM, com a cor escolhida para a fachada da casa popular.
Fonte: elaborado pela autora com a ferramenta google sheets.

Na literatura, segundo HELLER (2000, trad. 2019), o azul é a cor da simpatia, da harmonia, da fidelidade; o vermelho é a cor das paixões, da felicidade e do perigo; o amarelo, do ouro, da recreação, do otimismo; o verde é a cor da esperança, da fertilidade; o branco é a cor do bem, da inocência; o rosa, doce e delicado. Para a autora, os profissionais que trabalham com cores precisam saber de que forma as cores afetam as pessoas, visto que “os resultados das pesquisas demonstram que cores e sentimentos não se combinam ao acaso, são vivências comuns que, desde a infância, foram ficando profundamente enraizadas em nossa linguagem e em nosso pensamento” (p.17).

5.2.5. Conexão entre definição/caracterização da amostra e preferência cromática apuradas

Não há conexão entre definição/caracterização da amostra e preferência cromática apuradas nesse grupo avaliado, visto que as escolhas das cores não se repetiram numa faixa etária definida, ou num determinado grau de escolaridade ou gênero, nem mesmo em relação à renda foi possível encontrar qualquer conexão

entre as variáveis sociodemográficas levantadas. É possível que com uma amostra ampla, em um outro estudo, se encontre alguma conexão.

Respondentes com 37, 55 e 70 anos, escolheram o matiz verde, com tons diferenciados, duas pessoas de 50 e 60 anos optaram pela cor branca, uma delas, apesar de dizer que o branco a fazia lembrar da mãe, admitiu que o custo de pintar a fachada da sua casa de branco, barateava e simplificava a manutenção da pintura pois “bastava uma mão de cal”. Pessoas de 38 e 53 anos escolheram nuances claros do vermelho, enquanto uma pessoa de 71 anos escolheu azul e uma de 65 anos o laranja, alegando que “todo mundo sabe onde fica a casa laranja”. A única pessoa do sexo masculino entrevistada nesse grupo, escolheu a cor verde, portanto, não há indicação de qualquer conexão da amostra com a preferência cromática em relação ao gênero dos respondentes. Com relação à escolaridade dos entrevistados e suas preferências cromáticas há uma diversidade de respostas para uma mesma escolaridade: dos 4 entrevistados com ensino médio, cada um optou por uma cor, verde, branca, azul e laranja. Dos que tem ensino fundamental (1º ao 5º ano), 2 escolheram o verde e 1 o branco. Já as duas pessoas com ensino fundamental (6º ao 9º ano) optaram pelas nuances do vermelho. Quanto à renda dos entrevistados também não há relação com a preferência de cores, visto que das 4 pessoas beneficiárias do programa do Governo Federal, 2 escolheram o verde e 2 as tonalidades de vermelho. Os 3 respondentes que recebem 1 salário-mínimo optaram por branco, azul e verde. Enquanto as duas pessoas que recebem até 2 salários-mínimos escolheram branco e laranja. Portanto, diante de reduzida amostra, não foi possível relacionar qualquer conexão entre definição/caracterização da amostra e preferência cromática apuradas.

5.3. COMPARAÇÃO DOS PRINCIPAIS RESULTADOS DAS ANÁLISES E DESCRIÇÕES ENTRE OS DIFERENTES SUBGRUPOS DE PARTICIPANTES E NÃO PARTICIPANTES DO MUTIRÃO DA PINTURA DO PMVM

5.3.1. Descrição e caracterização da amostra

A amostra do subgrupo de moradores de casas populares participantes do Mutirão da Pintura do PMVM é formada, predominantemente, por mulheres, proprietárias da casa popular objeto da pesquisa, com idade entre 50 e 59 anos,

ensino médio completo e sem renda. Enquanto o subgrupo de moradores de casas populares não participantes do Mutirão da Pintura é formado, majoritariamente, também por mulheres, proprietárias da casa popular objeto da pesquisa, com 60 anos ou mais, com ensino médio completo, beneficiárias do programa do Governo Federal. Portanto, as amostras dos subgrupos são bem similares, cuja diferença irrefutável está na participação ou não do Mutirão da Pintura do PMVM, em que os moradores de casas populares localizadas dentro do perímetro urbano da intervenção física do programa, receberam a doação da tinta para a pintura da fachada.

5.3.2. Cores que predominam em fachadas de casas populares e a motivação para essa decisão

No primeiro grupo apresentado, em que foram compilados os dados das entrevistas com os moradores do Alto N. Sra. De Fátima, participantes do Mutirão da Pintura do PMVM, há uma nítida predominância da cor verde em fachadas de casas populares, totalizando 53,8% dos respondentes, mas a motivação para a decisão da escolha da cor não acompanha a mesma predominância. Enquanto no segundo grupo, não há uma predominância em relação às cores escolhidas, mas a motivação defendida por 55,6% dos moradores de casas populares, não participantes do Mutirão da Pintura do PMVM, foi de que as cores escolhidas foram motivadas pelo desejo, pelo gosto, pela vontade, pela escolha, pelo agrado e pela preferência. Para HELLER (2000 p.18), “o contexto é o critério que irá revelar se uma cor será percebida como agradável e correta ou errada e destituída de bom gosto”. Além do contexto, para a pesquisadora, baseada também em SANTOS (2014), um dos fatores que determinam a escolha das cores são os costumes sociais, conforme exposto nessa Dissertação item 2.2.1. na Parte 1 – Considerações Teóricas.

5.3.3. Preferência cromática em fachadas de casas populares

A preferência cromática em fachadas de casas populares no Alto Nossa Senhora de Fátima verificada pela presente pesquisadora, por ocasião da pesquisa de campo, excluídas as fachadas revestidas com cerâmica, sem revestimentos, no reboco bruto e no tijolo (aparente, sem pintura) é o matiz verde com sua diversidade de tonalidades, seguido pelas variadas nuances de vermelho e um pouco de amarelo.

Nessa identificação estão incluídas todas as fachadas no perímetro da intervenção da do Mutirão da Pintura do PMVM.

Com relação às fachadas que não foram contempladas com as tintas doadas por ocasião do Mutirão da Pintura do PMVM, é notória a preferência pelo branco, identificada pela pesquisadora, fora do perímetro da intervenção. Tal identificação carece de um estudo mais aprofundado, principalmente porque o universo dos entrevistados não permite uma afirmação indubitável.

No entanto, ficou claro que para o grupo entrevistado, que recebeu a doação da tinta para a pintura da sua respectiva fachada, houve maior predisposição em colorir o ambiente, até porque antes do PMVM, a maioria das fachadas eram brancas, segundo os relatos dos próprios moradores. Por conseguinte, foi detectado que a cor predominante das fachadas fora do perímetro urbano do Mutirão da Pintura é o branco, indicando que tal opção se deve ao custo da manutenção.

5.3.4. Significados que as cores escolhidas transmitem para os moradores participantes da pesquisa

Comparando os dois grupos participantes da pesquisa quanto aos significados transmitidos pelas cores escolhidas, e identificados pelos moradores por ocasião das entrevistas, não há uma diferenciação explícita. Talvez pelos entrevistados nunca terem pensado sobre o assunto, ou pelo viés de fazerem parte de uma mesma comunidade que já estava ciente da pesquisa. Portanto, as respostas sobre os significados foram de grande variedade entre os participantes, mas similares entre os dois grupos considerados, podendo afirmar que o ambiente comunitário do morro favorece a comunicação entre seus moradores, numa nítida percepção de que houve troca de informações, mas que por não fazerem parte do escopo da pesquisa, não será aqui tratada.

5.3.5. Conexão entre definição/caracterização da amostra e preferência cromática apuradas

A comparação entre os dois grupos de entrevistados, considerando que as avaliações em separado, sobre se há conexão entre definição/caracterização da amostra e preferência cromática apuradas, já havia constatado que não há qualquer

relação entre as variáveis sociodemográficas e as respectivas preferências cromáticas, talvez porque tratou-se de uma pequena amostra. No entanto, é possível que realizadas outras pesquisas similares em outras comunidades, se chegue à conclusão de que haja conexão entre os grupos comunitários, porém dentro de uma mesma comunidade, tal afirmação é improvável.

6. CONCLUSÃO

Esse capítulo faz considerações acerca das teorias e metodologia utilizadas e, principalmente, traz uma resposta direta aos objetivos da pesquisa, apontando recomendações para trabalhos futuros. Portanto, as considerações finais da pesquisa, destacando os objetivos propostos e aferindo se eles foram atingidos.

No início dessa Dissertação se apresentou a base teórica relacionada ao tema abordado. Desde o surgimento da moradia nos morros das grandes cidades, em especial, no Recife, até a apresentação de quatro dimensões que se entrelaçam entre si, quais sejam: a Teoria da Cor, a Percepção Ambiental, a Ergonomia do Ambiente Construído e o Espaço Urbano que ajudaram a embasar a construção do conhecimento e fundamentar a discussão dos resultados. A Teoria da Cor sob o aspecto da Percepção Visual traz simbologias e significados. A Percepção Ambiental, como o estudo que busca compreender o modo como as pessoas experienciam os aspectos ambientais presentes em seu entorno. A Ergonomia do Ambiente Construído que leva em conta as tarefas e atividades dos indivíduos para que o ambiente construído possa se adequar às suas necessidades, que envolvem, portanto, suas relações com o Espaço Urbano.

Interessante apurar que os indivíduos reagem de maneira diferente diante de cada uma das cores. Os resultados das pesquisas demonstram que cores e sentimentos não são uma questão de gosto individual – são vivências comuns que desde cedo vão fazendo parte da linguagem e do pensamento do indivíduo; pesquisas indicam, para citar alguns exemplos, que o vermelho desperta no indivíduo a paixão, o orgulho, o desejo, a agressividade, a violência, o poder; o laranja está relacionado ao esplendor, à glória, ao progresso, à vaidade; já o amarelo, de acordo com as tonalidades, representa riqueza, prosperidade ou perfídia, traição, em outro tom, engano e prudência; o verde, por sua vez, traz calma e repouso, mas pode despertar também euforia e plenitude, sendo um símbolo da esperança; o azul, causa no indivíduo a impressão de suavidade, amplitude, simbolizando a fidelidade, o sonho, o ideal, a virtude e também a fé; enquanto o branco, simboliza a paz, a inocência e a calma.

No entanto, não há comprovação científica de que os efeitos causados por estímulos cromáticos se devem a processos fisiológicos. Portanto, o que essa pesquisa buscou apresentar, consultados os autores Alheiros *et al.* (2004) e

Cavalcanti *et al.* (2016), além da leitura atenta da Cartilha do PMVM (2020) sobre a expansão desordenada das moradias nos morros e a preocupação constante do poder público para com as comunidades ali instaladas é que, através do uso da cor em fachadas de casas populares, é possível melhorar a Qualidade Visual Percebida do ambiente construído onde habitam pessoas carentes.

Baseados em autores como Goethe (1808 – 1810), Giannotti (2013), Barros (2006), Sargent (1964), foi exposta a função das cores de comunicar valores. Com base nos autores Heller (2000), Guimarães (2004), Barros (2006), Long (2011) e Farina (2011) buscou-se mostrar como as cores podem influenciar o comportamento das pessoas, interferindo na qualidade das atividades humanas. As autoras Cavalcante e Elali (2017) pontuam as relações intrínsecas entre os ambientes e as pessoas, onde ambos exercem influências uns sobre os outros. Russell (1988), Heath (1988), Nasar (1997) e Rapoport (1977) explicam como é possível avaliar o ambiente levando em consideração as preferências humanas, a cognição, e as variáveis socioculturais, entre outras. Utilizando conceitos extraídos do livro de Heller (2000) e Santos (2014), exploram-se os significados psicológicos das cores. Fundamentado em Bins Ely (2004), Mont'Alvão (2011), Bormio (2016) e Villarouco (2018) é exposta a importância da Ergonomia do Ambiente Construído para a realização das atividades humanas, favorecendo o comportamento do usuário desde que sejam ambientes atrativos e funcionais.

Assim, através da metodologia utilizada, em que a entrevista estruturada se mostrou eficaz, eficiente e de fácil compreensão por parte dos entrevistados, além de descomplicada para aplicação por parte da pesquisadora, foi realizada a coleta de dados.

Portanto, apoiado nessas referências acima citadas, buscou-se responder aos objetivos específicos da pesquisa, quais sejam: Constatar quais cores predominam em fachadas de casas populares e a motivação para essa decisão, chegando-se à conclusão que o verde, representando a esperança, e o branco, a facilidade de manutenção e a baixa precificação no uso da cal, são as cores predominantes nos dois grupos pesquisados; Identificar a preferência cromática em fachadas de casas populares, identificação essa realizada pela presente pesquisadora, apurou-se que o verde é a preferência cromática dos moradores de casas populares, participantes do Mutirão da Pintura do PMVM, no Alto N. Sra. de Fátima, enquanto que o branco mostrou-se preferência cromática em fachadas de casas populares, fora do perímetro

da intervenção do Mutirão da Pintura do PMVM; Identificar os significados que as cores escolhidas transmitem para os moradores participantes da pesquisa, em que o repertório encontrado foi surpreendente não apenas pela amplitude, mas principalmente pela coincidência dos significados, apesar de não estarem atrelados às mesmas cores, deixando evidente a importância cultural como variável que impacta sobremaneira o pensamento coletivo da comunidade; e avaliar se há conexão entre definição/caracterização da amostra e preferência cromática apuradas chegando-se à conclusão que diante das características sociodemográficas levantadas não se encontrou evidência de conexão com a preferência cromática das pessoas entrevistadas. Por conseguinte, o objetivo geral, avaliar a percepção de moradores sobre o uso da cor em fachadas de casas populares, a partir da experiência do Programa Mais Vida nos Morros (2016), Recife – PE foi atingido, visto que, através da oitiva dos moradores das comunidades carentes é possível apurar as necessidades e os desejos da população, para que, com baixo custo, rápida implementação e alto impacto, possa melhorar a Qualidade Visual Percebida do ambiente construído, pintando as fachadas das casas populares onde vivem grande parte da população brasileira.

Portanto, como recomendações para trabalhos futuros, sugere-se ampliar a oitiva de moradores de casas populares de outras comunidades carentes, visto que não é possível generalizar os resultados encontrados, por tratar-se de uma amostra com universo relativamente pequeno, de caráter não probabilístico, e específica de uma localidade. Sendo assim, as ferramentas testadas e aprovadas no desenvolvimento dessa pesquisa podem ser utilizadas em outras comunidades, buscando expandir os estudos ao relacionar o uso das cores com aspectos sociais e emocionais como pertencimento, apropriação, territorialidade, identidade, além da Qualidade Visual Percebida no Espaço Urbano.

Cabe registrar ainda, que a dificuldade em se realizar uma pesquisa no morro pode ser solucionada, quando se conhece alguém na comunidade que tenha certa liderança, disposição e solicitude, além de ser capaz de referendar a atuação do pesquisador durante a coleta de dados, tornando-se um grande aliado no desenvolvimento da pesquisa.

Para a pesquisadora, seria de grande valia uma pesquisa que contemplasse estudos de Representações Sociais para que o tema dessa Dissertação se tornasse mais conclusivo, sendo essa uma sugestão para trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS

- ALHEIROS, Margareth Mascarenhas et al. **Manual de ocupação dos morros da região metropolitana do Recife** / Fundação de Desenvolvimento Municipal FIDEM. Recife: Ensol, 2004, 32p.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ERGONOMIA (ABERGO). **O que é ergonomia**. Disponível em: <http://www.abergo.org.br/internas.php?pg=o_que_e_ergonomia> Acesso em: 15 de dez. de 2021.
- BARROS, Lillian Ried Miller. **A cor no processo criativo** – um estudo sobre a Bauhaus e a teoria de Goethe, 2006 – 4ª edição. 336p
- CAVALCANTI, Helenilda et al. **Tipologia e caracterização dos assentamentos precários: Região Metropolitana do Recife** · 2016.
- CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice. **Psicologia Ambiental**. Conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente. (org.) Petrópolis, RJ; Editora Vozes, 2018. 269p.
- CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice. **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. Edição digital.
- CENSO Demográfico, 2010. **Resultados do universo**: características da população e domicílios. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em mar.2023.
- <https://www.sinonimos.com.br/>. Acesso em mar.2023.
- <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/recife/panorama#:~:text=2023%20IBGE%20%2D%20Instituto%20Brasileiro%20de%20Geografia%20e%20Estat%C3%ADstica%20%7C%20v4.6.39>. Acesso em mar.2023.
- COSTA FILHO, L. L. **Discussão sobre a Definição Dimensional em Apartamentos: Contribuição à Ergonomia do Ambiente Construído**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. 2005.
- COSTA FILHO, L. L. Ergonomia do Ambiente Construído e Qualidade Visual Percebida. In: Mont'Alvão, C.; Villarouco, V. (Orgs.) **Um novo olhar para o projeto, 5: a ergonomia no ambiente construído**. Rio de Janeiro: 2AB, 2020. p. 10-20.
- CUBUKCU, E; et al. **Hue, saturation, lightness, and building exterior preference: An empirical study in Turkey comparing architects' and nonarchitects' evaluative and cognitive judgments**. Wiley Periodicals, Inc., 2007.

FARINA, Modesto; PEREZ, Clotilde; BASTOS, Dorinho. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. 6ª. Edição, Ed. Edgard Blücher LTDA, 2011. 166p.

FRANCISCO, Thiago; **Habitação popular, reforma urbana e periferização no Recife, 1920 – 1945.**, Universidade Federal de Pernambuco – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, 2013.

GOETHE, Johann Wolfgang von, 1749 – 1832. **Doutrina das cores** / J. W. Goethe; apresentação, tradução, seleção e notas Marco Geraude Giannotti – 4ª ed. – São Paulo; Editora Nova Alexandria, 2013

GALVÃO; T. F.; PANSANI; T. de S. A.; HARRAD, D. **Principais itens para relatar revisões sistemáticas e meta-análises: A recomendação PRISMA**. Epidemiol. Serv. Saúde, v.24, n.2, 2015.

Grupo Anima Educação. **Manual Revisão Bibliográfica Sistemática Integrativa: A pesquisa baseada em evidências** – Belo Horizonte, 2014.

GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação** - A construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores. 3ª edição. Editora Annablume, 2004. 148p

HEATH, T. **Behavioral and perceptual aspects of the aesthetics of urban environments**. In NASAR, Jack. (Ed.). Environmental aesthetics: theory, research, and application. New York: Cambridge University Press, 1988. p. 6-10.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. 1ª ed. – São Paulo; Editora Garamond Ltda, 2019. 311p.

LEITE, Ricardo; **RECIFE DOS MORROS E CÓRREGOS: a fragorosa derrota do exterminador de mocambos e sua liga social em Casa Amarela** – X Encontro Nacional de História Oral – Testemunhos e Política 2010.

LONG, James Thomas; **The New Munsell Student Color Set**, 2011 – 3ª edição — School of The Arts, Virginia Commonwealth University.

Mais vida nos morros - REINVENÇÃO URBANA - PASSO A PASSO – 2020

Secretaria Executiva Inovação Urbana – Prefeitura do Recife

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Metodologia Científica**. 5ª ed. – São Paulo, SP; Editora Atlas S.A, 2008. 312p.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5ª ed. – São Paulo, SP; Editora Atlas S.A, 2003. 311p.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Técnicas de Pesquisa**. 5ª ed. – São Paulo, SP; Editora Atlas S.A, 2002. 282p.

NASAR, J. L. **The evaluative image of places**. In: WALSH, W. B.; CRAIK, K. H., 2000 p. 117 - 168;

NASAR, J. L. **The evaluative image of the city**. California: SAGE Publications, Inc., 1977.

NASAR, J. L. **Visual preferences in urban street scenes**. Journal of Cross-Cultural Psychology, Western Washington University, Vol. 15 No. 1, March 1984. p. 79- 93.

OJO, B.; KAYODE, F. **The role of colour in environmental beautification and urban aesthetics**: the Nigerian example. Indoor Built Environ, 2006.

PEDROSA, Israel. **O Universo da Cor**. Rio de Janeiro: 2003. Versão digital para ebook: Vladimir de Alamar Pedrosa.

RUSSELL, J. **Affective appraisals of environments**. In NASAR, Jack. (Ed.). Environmental aesthetics: theory, research, and application. New York: Cambridge University Press, 1988. p. 120-129.

RAPOPORT, A. **Human Aspects of Urban Form**. Towards a Man – Environment Approach to Urban Form and Design. London: Pergamon Press, 1977.

RAPOPORT, A. **O significado do ambiente de construção** – Uma abordagem de comunicação não-verbal. Tucson: The Universidade do Arizona Press. 1990.

SANTANA, John Kennedy; **Análise evolutiva da ocupação dos morros da cidade do Recife** – XVI Simpósio Nacional de Geografia Urbana - 2019

SANTOS, M.H. **Cores**: seus significados e influências em nossas vidas. Formato: eBook Kindle, 2014. 87p.

SANTOS, Cristina Mamédio *et al.*; **A estratégia PICO para a construção da pergunta de pesquisa e busca de evidências** - Nobre<https://doi.org/10.1590/S0104>
- Artigos de Atualização • Rev. Latino-Am. Enfermagem 15 (3) • Jun 2007

SANTOS, Marilene; GALVÃO, Márcia - **Introdução à Metodologia Científica** - A ELABORAÇÃO DA PERGUNTA ADEQUADA DE PESQUISA - The formulation of a well-built research question, - Ano 2014 - Volume 4 - Número 2-

SARGENT, W. **The Enjoyment and Use of Color**. New Youk: Dover Publications, inc., 1964.

SILVA, Vinicius; BORMIO, Mariana - 2016; **A importância do uso ergonômico da cor na interface ambiente X usuário** - engpro-conaerg, 2016.

WAN, J.; et al. **Research on color space perceptions and restorative effects of blue space based on color psychology**: Examination of the yijie district of dujiangyan city as an example; International Journal of Environmental Research and Public Health, 2020.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos** / Robert K. Yin; trad. Daniel Grassi - 2.ed. - Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICE A – PARECER DE APROVAÇÃO DO CEP

Parecer de aprovação da pesquisa no CEP, emitido pela Universidade Federal de Pernambuco via Plataforma Brasil.

APÊNDICE B – TCLE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Parecer de aprovação da pesquisa no CEP, emitido pela Universidade Federal de Pernambuco via Plataforma Brasil.

